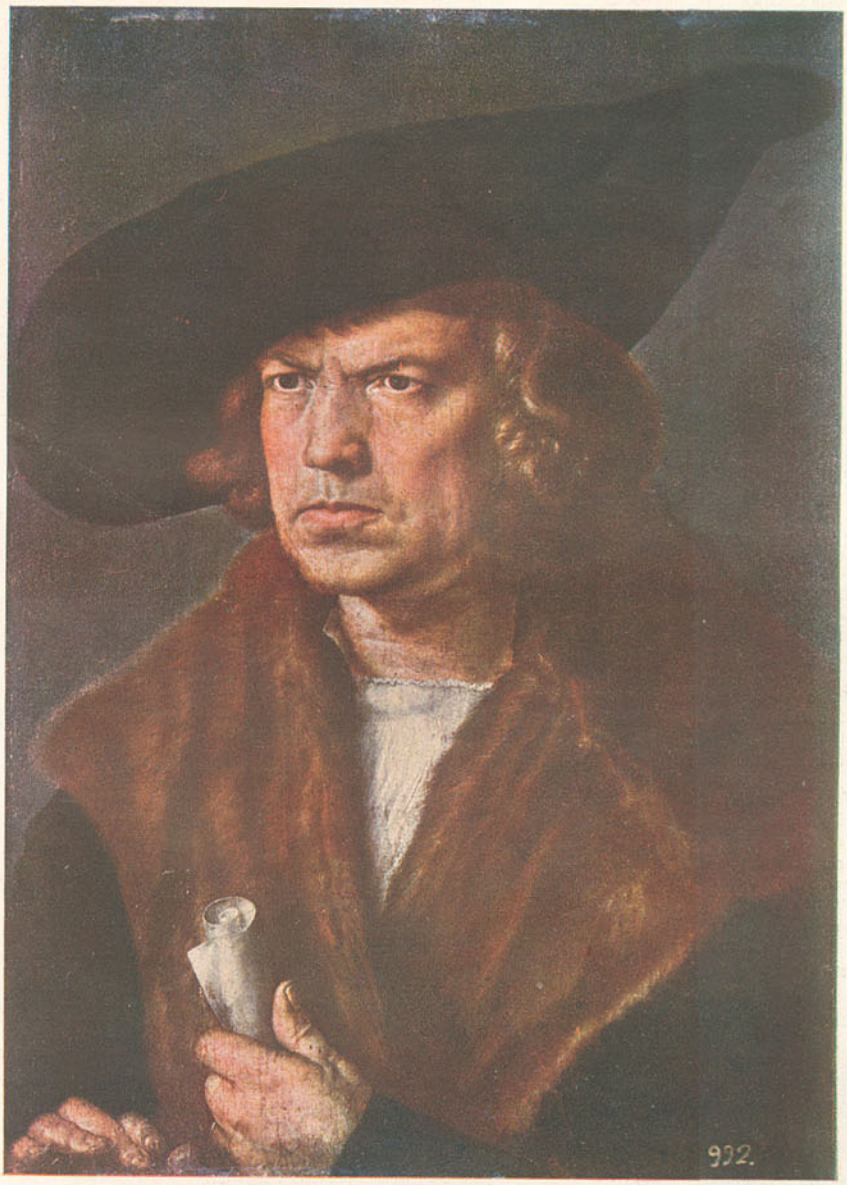
ILUSTRAÇÃO

N.º 324 — 14.º ano



RETRATO DE HOMEM

(Quadro de Alberto Dürer existente no Museu do Prado — Madrid)

6-JUNHO-1939

PREÇO-5 escudos

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de Júlio Verne distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.
6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.
28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.
45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.
50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.
55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.
60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.
65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.
75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.
76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
80 — **A Aldeia Aérea,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
81 — **A Agência Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
82 — **A Agência Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

TEATRO
DE
JÚLIO DANTAS
OBRAS COMPLETAS
5 volumes encadernados em percalina
Esc. 100$00
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES
Bertrand, Irmãos, L.da
Telefone 2 1368
Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::
AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA
Telefone 2 2074

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE
A HABITAÇÃO
POR **Fernando Perfeito de Magalhães**
Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**
1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA
À venda a 10.ª edição de
FÁTIMA
GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS
PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**
Obra admirável de emoção e beleza literária
1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**
Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a trôco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags, com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**

Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-JUNHO-1939
N.º 824 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

A Exposição do Mundo Português — um dos mais belos números das comemorações do Duplo Centenário — virá mostrar eloqüentemente, não só aos estrangeiros mas até a muitos dos nossos compatriotas a grandeza dêste País que levou a civilização a todos os pontos do Universo.

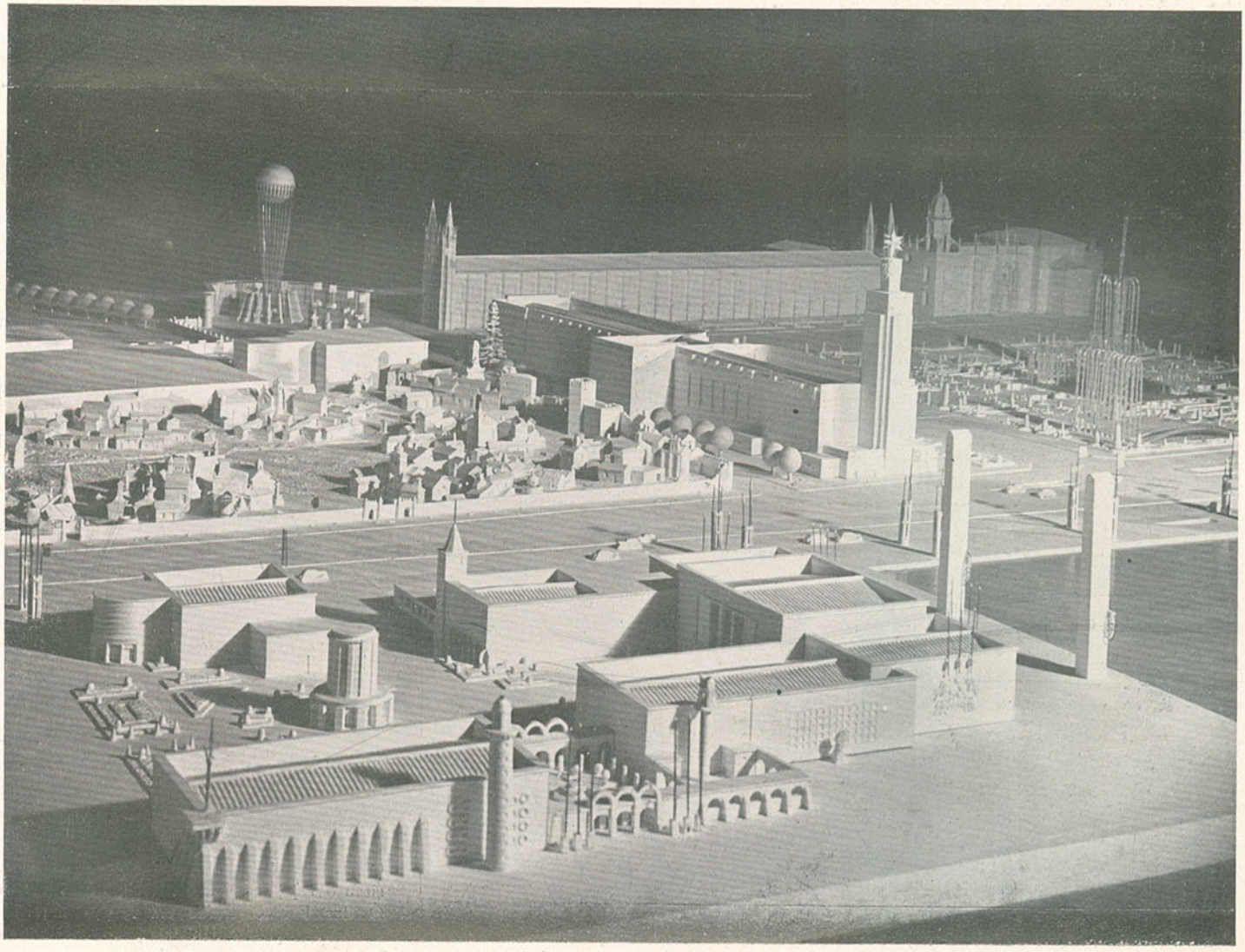
Foi confiada esta missão ao espírito fulgurante do Dr. Augusto de Castro que, na qualidade de Comissário Geral, levará a cabo êste grandioso empreendimento.

Conhecíamos já o jornalista brilhante, o escritor sugestivo, o diplomata de fino tacto... Agora, em face do panorama em miniatura do projectado certame que observamos, ficamos admirando mais esta poderosa faculdade do seu criador.

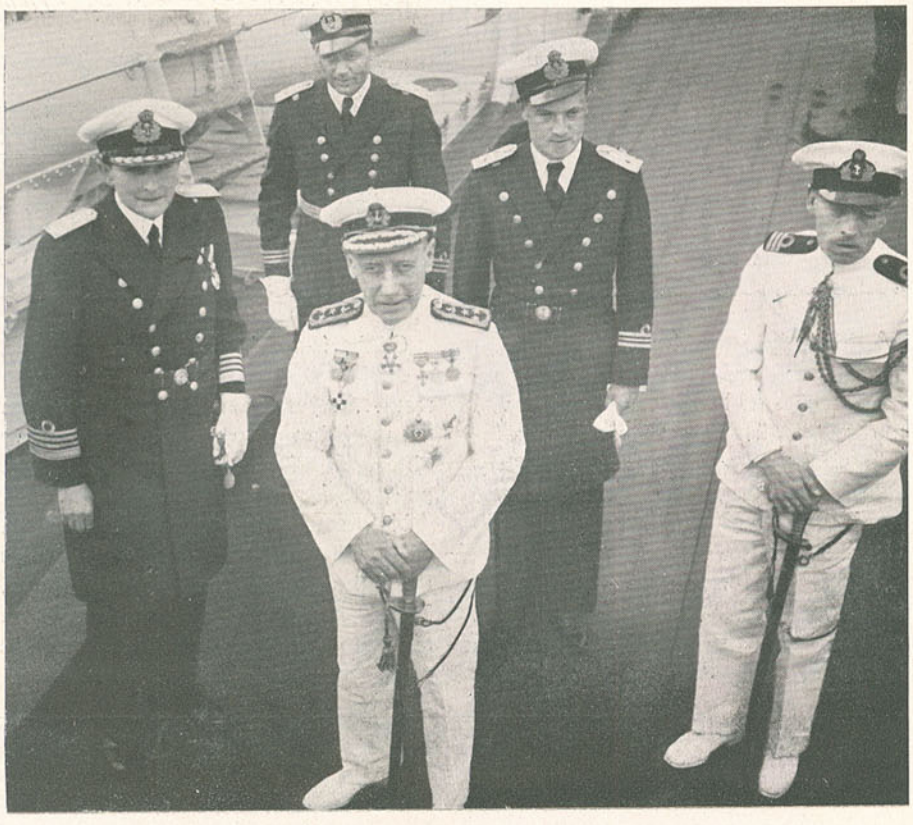
Na gravura, que abaixo reproduzimos, vê-se um pormenor, em 1.º plano, dos Pavilhões da Etnografia Metropolitana, ficando, ao fundo, os Jerónimos e, na cêrca do grandioso mosteiro, o "Parque de atracções" com a sua entrada.

Tudo isto será realizado num curto espaço de tempo, visto a comemoração estar a bater-nos à porta. Mas a obra há de realizar-se adentro do praso próprio como se tivesse sido tocado por uma varinha de condão.

E assim se provará que o velho ditado que nos afirma que "Roma e Pavia não se fizeram num dia", não tem razão. Num curto praso de poucos meses se erguerá a Exposição do Mundo Português que mostrará a grandeza desta Pátria.

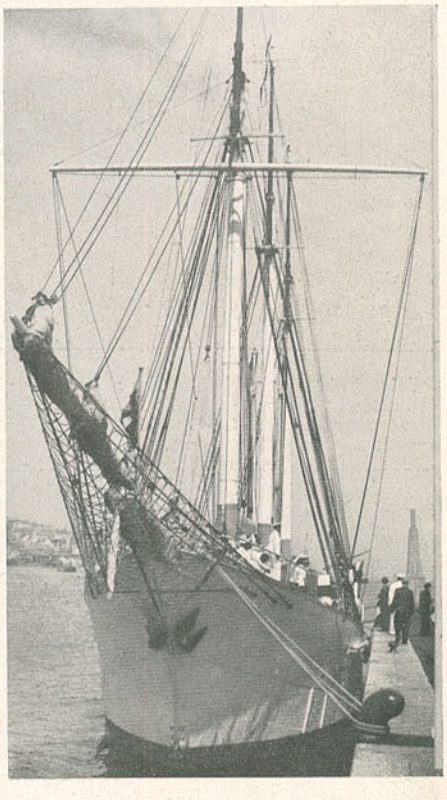


NOTÍCIAS DA QUINZENA



Em cima, à esquerda: O «Beograd» contra-torpedeiro da marinha jugoslava atracado ao molhe da Rocha do Conde Óbidos. — *A' direita:* O major-general da Armada, sr. vice-almirante Mata e Oliveira, acompanhado pelo seu ajudante, 1.º tenente Sales Henriques, a bordo do contra-torpedeiro «Beograd» onde foi recebido pelo seu comandante Bacio

O casal alemão (August e Herte Gotte) a bordo da lancha «Con Dios» em que fazem a aventurosa viagem para a América do Sul. Partiram de Hamburgo e fizeram escala por Leixões

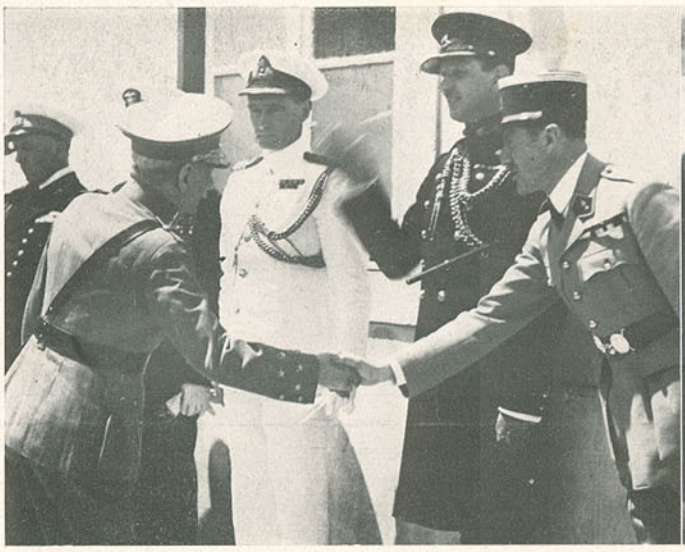


O navio-escola polaco «Iskra» que, há dias, visitou o Tejo, atracando à Rocha do Conde de Óbidos. Foi construído em 1917 e adquirido dez anos depois na Holanda para a marinha de guerra polaca

ECOS DA QUINZENA

Em cima: O sr. Presidente da República com o sr. ministro da Educação Nacional e o padre José de Avila, director do Orfeão da "Mocidade Portuguesa", de Angra do Heroísmo, que foi agraciado com o oficialato da Ordem de Santiago. — *Ao centro:* O sr. ministro da Educação Nacional inaugurando uma das bandeiras na Escola Industrial de Fonseca Benevides. — *À direita:* O Chefe do Estado e o sr. ministro da Educação Nacional visitando a Exposição do Livro Italiano. — *Em baixo:* Um aspecto da procissão no Congresso Eucarístico realizado em Torres Novas

ACTUALIDADES DA QUINZENA



O Chefe do Estado chegando à Escola do Exército, onde se realizou a festa do juramento de bandeira. — *À direita:* O sr. Presidente da República, ladeado pelos srs. Ministro da Marinha e coronel Fontes Pereira de Melo, comandante da Escola, assistindo às provas da Educação Física. — *Ao centro:* Os alunos do 1.º ano da Escola do Exército prestam juramento de bandeira. — *Em baixo:* O sr. Ministro da França com os oficiais portugueses condecorados com a Legião de Honra. — *À direita:* O sr. Ministro da Educação Nacional condecorando o rev. José de Avila

A EXPOSIÇÃO DO GRUPO SILVA PORTO

O Grupo Silva Porto marcou o 12.º ano da sua agitada existência com mais uma exposição que, além de constituir um desvelado culto à memória do saüdoso pintor, vincou uma tenacidade que deveria servir de modêlo a todos os artistas. Após várias dissidências, o Grupo ficou reduzido a um triunvirato que, honra lhe seja, honra a Arte Nacional: Mestre Carlos Reis, o pintor insigne que sabe dar alma às tintas; Falcão Trigoso, o artista ilustre que sabe dar voz ao colorido das suas païsagens, e João Reis, o discípulo querido de Carlos Reis, trabalhador infatigável, cheio de talento e emoção que saberá continuar as tradições gloriosas da sua dinastia.

Mestre Carlos Reis expõe o *Moinho do Ramal*, quadro magistral — ou não fôsse de quem é — em que se patenteia a mão do prodigioso païsagista. A água do rio, espelhando a verdura da margem, reflecte também a nossa alma nostálgica que se recorda de ter ali passado uma vez, não sabemos como nem quando.

Só Mestre Carlos Reis poderia operar êste prodígio!

Falcão Trigoso brilha na sua grande tela *Paz... ainda*, em que há colorido, luz e desenho, mostrando-se à altura do que vale.

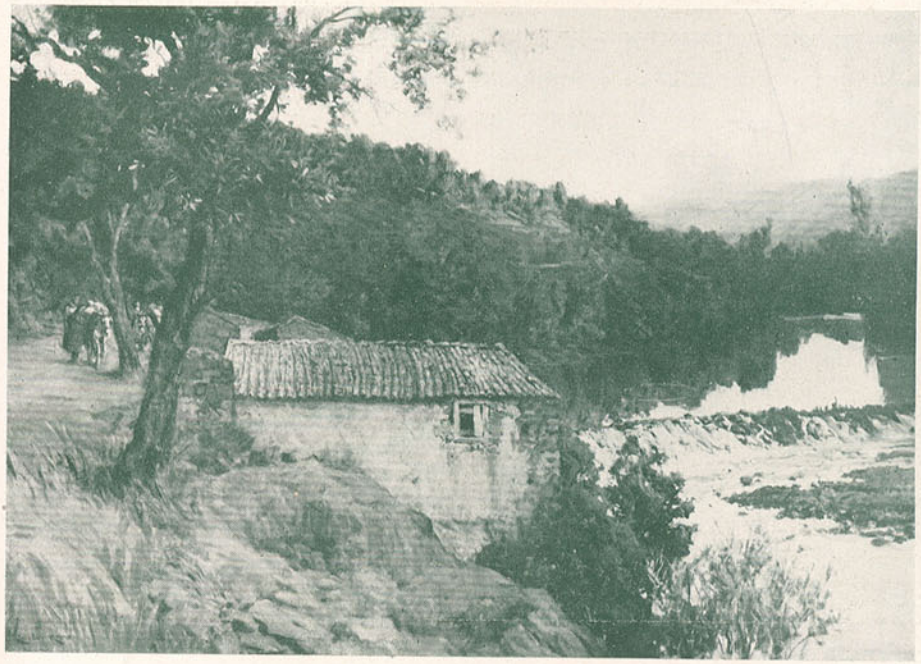
João Reis marca a sua posição, apresentando trinta e duas telas, tratando o retrato, a païsagem e a figura com o ímpeto dum artista de larga visão que cada vez se eleva mais apesar de todos os obstáculos que casual ou propositadamente lhe aparecem pela frente.

Em resumo: o Grupo Silva Pôrto, dizimado por variadíssimas razões, reduzido à expressão mais simples, representa o esfôrço de três paladinos que se sentem com fôrça de enfrentar as hostes mais numerosas na defesa do culto do seu glorioso patrono.

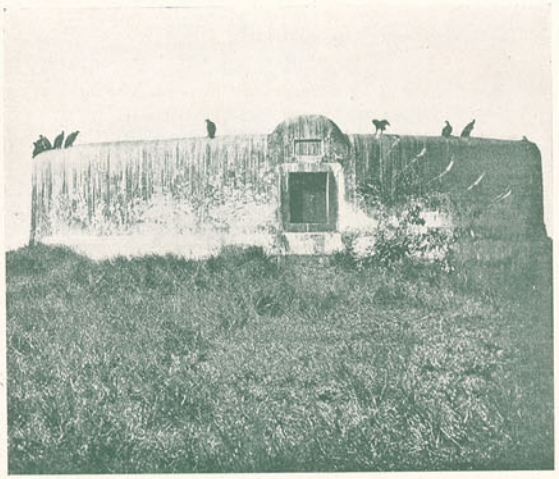
* * *

Ao cimo desta página reproduzimos o retrato do senhor Cardial Patriarca, devido ao pincel de João Reis. E' um trabalho magnífico. Figurará na Faculdade de Letras da Universidade de Coímbra.

Já pela técnica, pelo colorido, pela expressão do retratado apanhada em flagrante, fica sendo um dos mais belos quadros saídos do pincel infatigável de João Reis, que vai tomando uma personalidade inconfundível.



O moinho do Ramal, pintado por Carlos Reis e o retrato do Prof. dr. Joaquim de Carvalho, pintado por João, Reis que figuraram na Exposição Silva Pôrto. Em cima: *O retrato do sr. Cardial Patriarca de Lisboa, por João Reis e que é destinado á Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.*



A Tôrre do Silêncio em Bombaim

VISÕES DO ORIENTE

Os rios sagrados da Índia e as suas lendas

Avatares do Ganges, do Indus e do Godavery

Os hindus adoram os rios Ganges, Indus e Godavery; sôbre êste último criaram lendas de uma fantasia que ultrapassa as nossas lendas de moiras encantadas, lobishomens e outras.

O Ganges e o Indus são rios cuja existência se conhece desde os bancos da Escola mas o Godavery é menos conhecido na Europa. É êle o terceiro dos maiores rios da India e corre numa extensão aproximadamente de mil e quinhentos quilómetros e o seu volume de água é de 200 vezes mais do que o Tamisa em Londres e de 5 vezes mais do que o Nilo no Cairo. Não é considerado tão sagrado como o Ganges, mas é mais sagrado do que o Indus.

O Ganges é sagrado porque outrora atravessava o ceu do deus Vishnu e teve a sua origem de um dos pés do próprio deus; o Indus é adorado tanto por hindus como por muçulmanos; o Godavery deu lugar a uma lenda complicada.

Quando o Ganges se despenhou do ceu de Vishnu, o deus Shiva apanhou o rio com os cabelos afim de impedir que se espalhasse pelo mundo.

O Ganges é rio, mas é também mulher e veio a ser a esposa de Shiva, de nome Parvati, que se mordia de ciumes ao ver que seu marido trazia sempre uma linda mulher presa ao cabelo e cheia de cuidados foi consultar o seu filho Gaupati, de cabeça de elefante, o qual, com o seu costumado bom-senso, logo encontrou remédio com que aliviar a dor de que a mãe sofria.

Converteu se êle próprio em vaca e dedicou-se a devorar um campo de arroz que pertencia ao sábio Gautama, que com um bordão deu tal bordoada na vaca, que a matou imediatamente.

À morte da vaca sucedeu um vento mau, que tudo ameaçava destruir, e os camponeses apavorados foram em grande número procurar o sábio Gautama, obrigando-o a prometer-lhes que mandaria água para fertiilzar os campos.

Mas o sábio sofreu tais inclemências que, por fim, o deus Shiva, apiedando-se dêle e tendo em conta as suas grandes virtudes, mandou-lhe preguntar de que carecia. O Gautama confessou que tinha assassinado a vaca involuntariamente e pedia ao deus que enviasse algumas águas do Ganges com que regar os campos que ardiam de sêde. O deus Shiva, que tudo sabia, sorriu da peta que o sábio lhe queria pespegar mas para ser agradavel à esposa e galardoar o sábio pela sua ciência, dispensou um grande volume de água do Ganges, que tomou o nome de «Godavery» ou seja «Expiação pela morte de uma vaca». O Ganges, assim despojado de um grande caudal, perdeu muito da sua beleza e os ciumes de Parvati ficaram portanto aplacados.

O ponto em que o Ganges, despenhado das alturas, caiu na Terra, chama-se montanha Trimbak e nesse ponto ficou uma lagoa no sopé da montanha onde os peregrinos veem banhar-se para se purificarem.

A partir da lagoa encontra-se um pequeno canal de pedra que conduz o curso da água para fora da cidade de Trimbak. Uma vez fora da cidade começa o rio a engrossar; a uns dez quilómetros de distância o seu volume aumenta com as águas do rio Kikvi, seu afluente, e, um pouco mais adiante, surgem as grandes quedas de águas de Gangapur, para onde o Godavery se atira com um fragor enorme muito em desproporção do seu volume de água e da altura da cascata.

Outros dez quilómetros mais adiante o Godavery atravessa a cidade de Nasik.

Nasik é uma linda cidade povoada de templos soberbos, dos quais o mais imponente é sem duvida o templo de Shiva, o qual, está claro, também tem a sua lenda bem fantástica.

De uma vez a rainha Parvati, esposa do deus Shiva, de brincadeira com o marido, colocou as suas mãos sôbre os olhos dêle. Porém Shiva não estava nesse momento, disposto a brincar e abriu o seu terceiro ôlho, com que queimou sol, terra e a quinta cabeça do deus Brahmadev.

Quando Shiva se encontrou de novo bem disposto deu de novo brilho ao sol e vida à terra, mas não conseguiu restituir a quinta cabeça de Brahmadev, e por castigo, por tê-la queimado, foi condenado a vê-la sempre a dançar em frente dos seus olhos.

O castigo era muito pesado e Shiva com e fim de expiar a culpa e livrar-se da horrorosa visão percorreu tôda a India para visitar todos os templos e altares mas tudo em vão.

Por fim, já muito cansado, chegou a uma das margens do Godavery e sentou-se à sombra de uma árvore para recuperar as fôrças. Escutou então uma conversa entre um vitelo bravo e a mãe, uma vaca velha e muito sossegada.

— Amanhã — dizia a vaca velha — o patrão vai colocar uma argola nas tuas narinas e vai te prender a um arado para lavrares a terra tôda a vida.

— Dessa está êle bem livre, — retorquiu o valente vitelo. — Se êle se atrever, dou-lhe uma marrada que o faço andar de cambalhotas umas poucas de vezes.

— Não faças tal, meu filho — acudiu a velha vaca muito aflita. — Não faças isso; olha que êle é um Brahmane.

— Deixá-lo ser — insistiu o toirito. — Eu sei muito bem como me hei-de purificar, mesmo da morte de um Brahmane!

O deus Shiva escutara a conversa com muito interêsse e disse para consigo: «Se o vitelo se pode purificar da morte de um Brahmane, muito mais fàcilmente me poderei eu purificar por ter queimado uma das cabeças de Brahmadev».

No dia seguinte voltou ao mesmo sítio de onde tinha ouvido a conversa e daí a pouco viu chegar o Brahmane que queria prender as ventas do vitelo, por meio de uma argola de ferro e viu o indómito vitelo investir com o dono e dar-lhe uma tal marrada que êste caiu logo morto. O vitelo, que era todo branco, mudou de côr e ficou todo preto. Não se importou o vitelo com esta metamorfose e foi dali muito depressa, aos saltos, até que se atirou para dentro das águas do Ramkund, que é o lago onde Rama tinha realizado as exéquias pelo seu defunto pai.

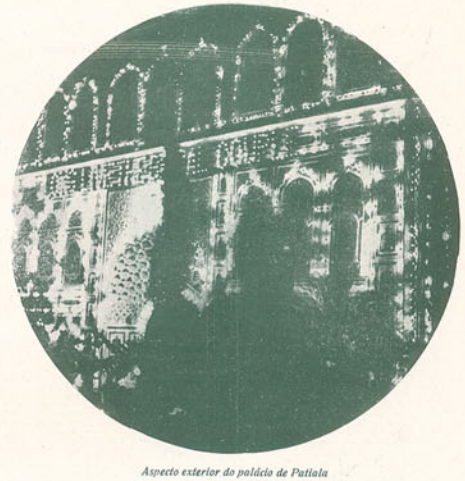
Estas águas eram tão sagradas que o vitelo de novo recuperou a sua brancura de neve. Só a extremidade da cauda, que êle tinha sempre conservado no ar, para afirmar o seu espírito de independência, ficou preta.

O deus Shiva seguiu todo êste incidente com muita atenção, e saltou êle próprio para dentro daquelas águas sagradas e imediatamente desapareceu a horrorosa visão que por tôda a parte o perseguia.

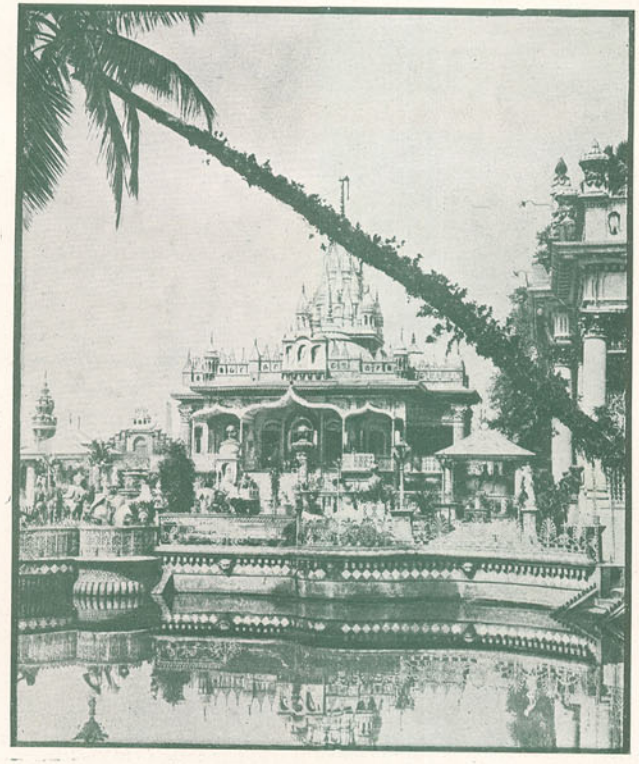
Onde estes acontecímentos se deram levantou-se um templo da devoção de Rapileshwar ou o deus da cabeça. É um templo ao deus Shiva e comemora o seu castigo e expiação da culpa. É o único templo em que não aparece um toiro ajoelhado aos pés do deus, com reverência. Nos outros templos o toiro considerado como servo do deus Shiva, mas neste templo o toiro é considerado seu mestre, porque foi êle que indicou ao deus a forma de se libertar da visão que o perseguia. E são estas as lendas dos rios indianos, suaves como o brando deslisar das águas e cantantes como os seus murmúrios. A mitologia dos hindús tem sempre encanto e encerra um grande fundo moral a orientar as acções dos pobres mortais.

ADOLFO BENARÚS

Algumas senhoras europeias assistindo à cerimónia dum casamento hindu

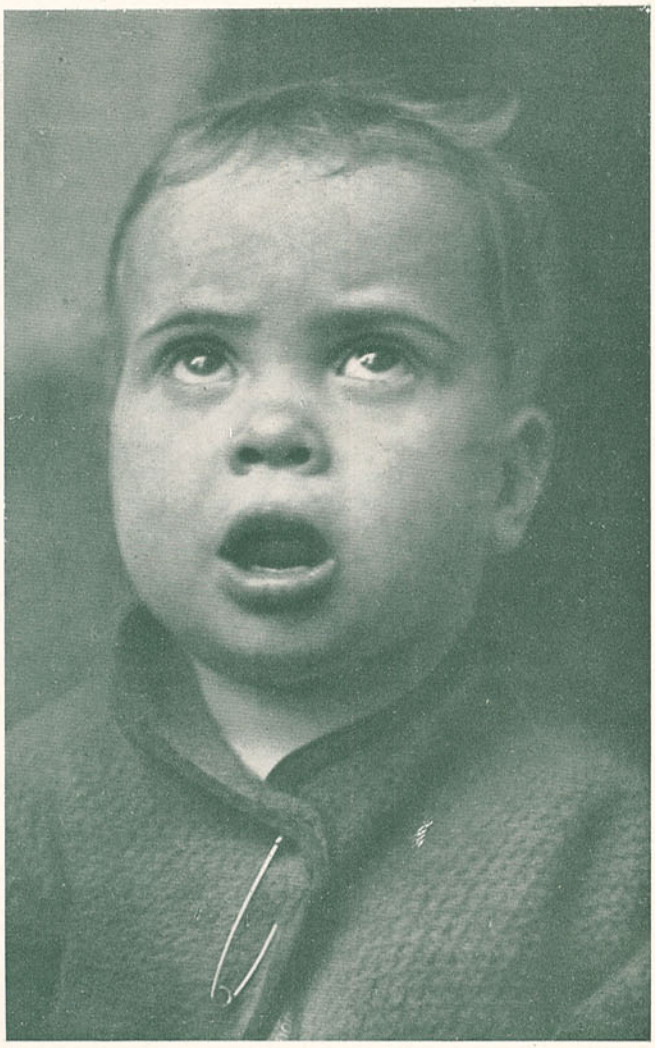


Aspecto exterior do palácio de Patiala



Templo de Jain Badrigas em Calcutá, construído em 1750

OS INCOMPREENDIDOS



Não se trata de gente grande, que também muita há que se queixa dêste mal — a má compreensão dos seus sentimentos, das suas intenções e até dos seus actos.

Mas êsses, os adultos, podem defender-se, justificar-se, aclarar situações, desfazer equívocos e repor as coisas no seu lugar.

Portanto, se bem que sejam igualmente dignos da nossa simpatia, não o são tanto como os pobres pequenos — as crianças — que são as mais dignas de dó, quando ninguém, nem mesmo os pais, quer ver o que vai lá por dentro, pela sua alminha magoada, por se verem mal tratadas no seu purozinho íntimo, que poucos entendem.

Eu tenho pelas crianças aquela mesma adoração que tenho pelas flores. Num jardim ou na rua, a minha ternura é igual, quando contemplo essas maravilhas da natureza.

Não vejo uma flor, sem um sentimento de admiração, não passo por uma criança, sem lhe dar um olhar de infinito enlêvo.

Também, são as duas coisas de que levarei saüdades, quando me for dêste mundo.

A vida desiludiu-me já suficientemente, para não me apegar a nada, nem a ninguém.

Aqueles que se iludem com a minha aparência e que me dizem que descobri o segrêdo da alegria permanente de viver, talvez se espantem ao lerem estas afirmações.

É a única máscara que eu uso, em proveito dos que me falam e gostam de me ver animada.

Mas contigo, leitor amigo, mostro-me tal qual sou, sincera, verdadeira e leal, no que escrevo para ti.

Nunca me apanhaste numa mentira, nem me viste caluniar ninguém.

Mas já é tempo de voltar ao assunto que hoje interessa.

Sabes que, quando a gente conversa, sempre divaga. Não há nisso nenhum mal, não é verdade?

—•—

Pois, como ia contando, são os miúdinhos os mais infelizes de todos os incompreendidos.

E muitas tolices que êles fazem são culpa dos pais ou das pessoas que os têm a seu cargo.

Há ainda quem pense que educar uma criança é castigá-la, meter-lhe medo ameaçando-a constantemente com pancada, se fizer isto ou aquilo ou se não fizer aquilo nem isto, porque o mal, verdadeiro ou imaginado por quem manda, tanto pode ser fazendo ou não fazendo qualquer coisa.

E até há quem não se satisfaça com nenhuma das formas.

Ora não é assim que se consegue formar o carácter duma criança, nem é assim que ela se prepara para a vida.

Não posso, num artigo de jornal, tratar a fundo esta questão, como ela merecia ser desenvolvida, por isso, vou limitar-me a um ponto que julgo o mais importante para evitar às crianças sofrimentos escusados, e que podem dar resultados funestos — a ameaça.

Quantos rapazes não vão para um exame, preocupados, assustadíssimos, porque em casa o pai lhes disse que tratassem de ficar aprovados, senão que teriam um castigo severo?

E alguns vão até ao extremo limite do que lhes é permitido na sua sua autoridade paterna — à ameaça da expulsão do lar.

Bem sei que não sentem o que dizem e que não cumpririam a ameaça, que é um meio de acicatar o filho, fazê-lo dar o mais que puder, a contas com os examinadores.

Mas a criança pensa, na sua atrapalhação, que o pai fala verdade, que diz o que sente e que é capaz de o fazer.

Êsse próprio receio pode perturbá-la e tirar-lhe os meios de defender-se, e muitas vezes sabendo bem a matéria a examinar.

E se a sorte o abandonar — a sorte é um grande factor em tudo — o miúdo pode não voltar para casa ou fazer loucura pior — já se tem visto.

Depois vem o desespêro, o arrependimento das palavras cruéis e inúteis, palavras que torturam o coração e não abrem mais a inteligência do ameaçado.

—•—

Dei-me a escrever esta crónica, porque, ao passar na Avenida da Liberdade, uma noite destas, vi muito enroscadinho num portal, um rapazito dos seus nove ou dez anos, descalço, mal coberto, e com um ar assustado.

Preguntei-lhe porque estava ali, e o que era feito dos pais.

Resmungou qualquer coisa em que percebi que tinha medo de ir para casa, por não ter cumprido uma ordem, e que já andava desde a véspera, fugido.

Dei-lhe dinheiro para que fôsse comer e aconselhei-o a voltar para a família.

Ora é evidente que êste pequeno era atemorizado em casa, pelo pai ou pela mãe, não tirei o caso a limpo, e que é possível que por isso mesmo, por êsse medo que lhe metem com exagerada severidade e naturalmente com muita pancada, é quási certo que êste rapaz dará, qualquer dia, em vàdio.

E daí, a pior situação, a distância não é grande.

A convivência com outros pequenos desiludidos das doçuras do lar depressa o levará ao mau caminho.

É assim que se formam muitas vezes os grandes criminosos, não obstante a sua índole ser boa e adaptável ao bem.

Creio que é tempo de refazer os meios de educação, substituindo os castigos corporais por palavras amigas que impressionem a alma da criança, mostrando-lhe a maneira de encarar a sério o problema da existência, procurando tornar-se um elemento prestável à sociedade, recompensando o carinho dos pais, ao mesmo tempo, com o seu amor ao estudo e ao cumprimento daquilo de que é incumbida.

Persuadir, sim; ameaçar, nunca. Os resultados são eloqüentes.

MERCEDES BLASCO.

O REGRESSO DOS "VIRIATOS" A LISBOA

Em cima: Um aspecto da manifestação na «gare» do Rossio à chegada dos «Viriatos». — *Em baixo:* A multidão em frente da Câmara Municipal, onde se realizou uma sessão de boas-vindas. Muitos milhares de pessoas manifestaram aos valorosos portugueses o orgulho do País pela sua acção em terras de Espanha.

A apoteose de Napoleão (Museu do Louvre)

O suave perfume e os espinhos da grandeza

Mas — justiça lhe seja feita! — nem um instante o Cura Buonaparte, no qual a sotaina não sufocara a bravura natural dos filhos da Córsega, pensou em fugir, para se esquivar ao suplício que sem dúvida o esperava. Desceu a escada, que do seu quarto conduzia ao andar inferior, e, em frente á porta do salão, deteve-se um momento, escutando o ruido dos passos e o tilintar das esporas do general. Mentalmente, o velho cura despediu-se de todos os seus paroquianos, isto é, de todos os seus filhos espirituais, em especial do seu querido Tomaso e da sua muita querida Mattea. Dirigiu tambem, um último adeus a Bianca, a meiga galinhinha e depois...

Depois, pronto a morrer, tendo encomendado sua alma a Deus, abriu a porta da sala e avançou ao encontro do general, com a intrépida serenidade dos antigos mártires ao entrarem na arena.

Ao primeiro golpe de vista, o cura Buonaparte estranhou o aspecto do centurião. Aquele belo e elegante rapaz de trinta e tal anos que envergava, com uma tão requintada desenvoltura, o maravilhoso uniforme dos generais da *Grande Armée* em nada se assemelhava a esses terroristas, de faces hediondas e cobertas de farrapos, que, cantando o *Ça ira*, linchavam e fuzilavam os sacerdotes.

O pobre cura, que com respeito a política estava atrazado perto de vinte anos, julgava a França ainda no terrivel ano de 93.

Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver aquele general coberto de esplêndidos bordados a ouro, em cujo peito brilhava a famosa Legião de Honra, aquele grande homem, sem duvida, curvar-se respeitosamente na sua presença numa vénia — numa dessas altivas e marciais vénias de que os dândis do exército napoleónico possuiam o segrêdo — com o ar mais natural e mais inofensivo do mundo, como se viesse fazer uma simples visita de amizade.

— Sossegue, senhor cura, — disse o general que, ao notar a palidez do santo velho, adivinhara os juizos errados que êle estava fazendo acerca da sua inesperada aparição — sossegue. Não venho para o que pensa...

Depois, com o chapeu armado na mão e o punho nos copos da espada, curvou-se numa segunda vénia, e inquiriu:

— O Senhor Cura chama-se Buonaparte e é parente de Sua Majestade Napoleão I, imperador dos franceses e rei da Itália, não é verdade?

O cura arregalou os olhos e ficou atónito, perplexo, sem saber o que havia de responder.

É que o santo velho, que vivia naquele recanto, isolado do Mundo como se estivesse no outro Mundo, ignorava por completo que, em 1804, três anos antes, o Senado oferecera ao general Napoleão Bonaparte a dignidade imperial e que o novo César — mais orgulhoso nêsse ponto de que Carlos Magno — obrigara o papa a saír do Vaticano, para vir a França coroá-lo na Notre Dame.

— Parente do general Napoleão Bonaparte, sou — respondeu, por fim, o cura — tio-avô mesmo. Mas não sei se...

— O general Bonaparte — interrompeu o oficial — é hoje, pela graça de Deus e a glória dos seus feitos, imperador dos franceses. E a mãe de Sua Majestade...

— A Leticia?! — exclamou o ancião pasmado.

BUONAPARTE.

Général en Chef de l'armée d'Italie
Né à Ajaccio en Corse le 15 août 1769.

Napoleão

— A "Senhora Mãe" — emendou o general — Sua Alteza Imperial, a Senhora Mãe — falou a respeito do Senhor Cura, com Sua Majestade e...

— A meu respeito?! — interrompeu o velho sacerdote, no auge do espanto — Leticia, falou a meu respeito com o Napoleãosinho?!

— Com Sua Majestade o imperador — emendou novamente, sorrindo o general — e ambos chegaram à conclusão de que não é próprio, nem sequer conveniente que um parente tão próximo da Família Imperial e, sobretudo, tratando-se dum parente tão venerável, tão falado pelas suas excelsas virtudes cristãs como o sr. Cura, continue a viver obscuramente num pobre curato de aldeia, enquanto o sobrinho governa a Europa e enche o Mundo com o éco dos seus feitos, da sua glória e do seu explendor!

O imperador enviou-me aqui expressamente para lhe falar. O Senhor Cura apenas tem que se dar ao trabalho de escolher. Agradar-lhe-ia a mitra episcopal? Quere um bispado em Itália, ou um em França? Deseja trocar a sua sotaina negra pela púrpura cardinalícia? Diga, Senhor Cura, diga. O imperador respeita e estima muito seu tio-avô, para lhe recusar seja o que fôr que êle lhe peça. E não há nada — exclamou o general, ajudante da *Grande Armée*, soerguendo a cabeça, num *élan* de entusiasmo, ao mesmo tempo que um sorriso orgulhoso e feliz se lhe espraiava nos lábios — que o imperador dos franceses não possa no Mundo!

Com que ênfase, com que acento de sinceridade, o general pronunciou essas palavras!

Acento próprio dum homem que, seguindo desde há muito o vôo das águias imperiais, vira essas águias subjugarem o Mundo!

O cura Buonaparte continuava pasmado. Não estaria sonhando? — pensava. Era a êle, a êle que ainda recordava, deslumbrado, a primeira vez que vira o bispo de Fiesole (o mais elevado personagem eclesiástico de que lhe fôra dado aproximar-se) revestido da sua mitra dourada e do seu roçagante pluvial, dar a primeira comunhão às criancinhas da aldeia, que lhe vinham oferecer um cardinalato?

— Tudo isso é, realmente, verdade, senhor general? — preguntou, um pouco duvidoso ainda, voltando-se para o emissário imperial que esperava, profundamente inclinado, a sua resposta. A minha sobrinha Letícia é imperatriz?... E eu que ouvi a sua primeira confissão!... Há já tantos anos!... Quando ela era pequenina!...

O general sorriu e o reverendo Buonaparte quedou-se silencioso, como que absorto numa profunda meditação.

— Senhor general — respondeu por fim — permita-me que me retire por alguns instantes. Preciso de, antes de tomar a resolução de modificar duma forma tão completa a minha existência, reflectir sózinho.

Depois lhe darei a minha resposta.

O general, que fôra posto por Napoleão positivamente às ordens do cura Buonaparte, curvou-se num gesto de assentimento e o bom sacerdote, ainda bastante desnorteado, encerrou-se no seu quarto, cujas janelas davam para o páteo.

A família Buonaparte, segundo uma gravura da época

No pátio (era assim chamado o vasto terreno compreendido entre a igreja e o presbiterio) reinava o maior tumulto e confusão.

Depois de terem tirado os selins e limpo os cavalos, os soldados haviam acampado e uns, sentados, jogavam os dados e outros, estendidos por terra, dormiam a sono solto. Quanto aos oficiais, em grupos de três e de quatro, conversavam, discutiam e riam, ao mesmo tempo que iam tirando grandes fumaças dos seus cachimbos. Naquele recinto, onde, uma hora antes, reinava um quasi religioso silêncio, ouvia-se o relincho dos cavalos e o tilintar das esporas, de mistura com as pragas e as gargalhadas dos soldados.

Mattea, refugiada a um canto como uma gazela assustada, contemplava avidamente aquele quadro novo para ela.

Mas, sejamos francos, não era apenas com o quadro que ela estava encantada. A pequena não aspirava seguir a carreira da pintura para, como artista, se entusiasmar com o pitoresco e interessantíssimo aspecto que o pátio naquele momento apresentava. O que fascinára Mattea havia sido a bela e marcial apresentação dos dragões da *Grande Armée*.

Nada mais natural. Não houve mulher alguma nesse tempo, fôsse ela espanhola, francesa, portuguesa, ou mesmo inglesa, que ao ver um desses gloriosos uniformes, sobretudo quando esses gloriosos uniformes assentavam num esbelto rapaz, deixasse de, no seu íntimo, vibrar de entusiasmo. E Mattea, que não era de modo algum a joven ascética, quási imaterial, que Tomaso julgava, mas sim uma mulher, uma verdadeira mulher, nascida para o amor, obedeceu à lei geral da fascinação...

Nada mais natural, como disse. As mulheres — já o observou o espirituoso escritor James Grant — têm sempre um grande fraco pelos uniformes, especialmente pelos uniformes estrangeiros. Era esse o caso de Mattea.

Por sua vez, Tomaso também fascinado, embora por motivos completamente diferentes, com os dragões imperiais, aproximara-se dos francêses e contemplava em êxtase — um êxtase onde havia respeito, admiração e tristeza, espécie de inveja inocente — os seus brilhantes uniformes e os seus sabres reluzentes.

Mattea e Tomaso — o primeiro e o segundo objecto da ternura do cura Buonaparte — estavam, cada um por seu lado, absorvidos na sua admiração. Com respeito ao terceiro objecto — a galinhinha branca — essa é que não estava de forma alguma entusiasmada, nem fascinada, mas simplesmente aterrorizada.

Bianca, ao ver, de repente, o pátio que ela considerava propriedade sua, invadido pelos cavaleiros, perdera completamente a cabeça e, assustadíssima, sem saber onde havia de esconder-se, corria como uma louca, por entre as pernas dos cavalos, em risco de ser esmagada.

Entretanto, o moço sacristão metia conversa com os dragões e estes, lisongeados com a admiração ingénua que liam nos seus olhos, consentiam em narrar-lhe as gloriosas campanhas da *Grande Armée*. Um deles mesmo, tomando a palavra, explicou-lhe num longo discurso, que a França estava num século em que os homens deviam tudo, não à gloria dos seus antepassados, mas às suas próprias obras; em que cada soldado tinha na sua cartucheira um bastão de marechal e uma vez que o conseguisse tirar, imitando os feitos de Lannes, Augereau e Lefèvre, tudo se poderia esperar do Imperador...

As águias (Quadro de Júlio Rouffet)

Tomaso, em cujas veias o sangue dos avós gibelinos ou guelfos acordava triunfante, escutava-os fremente de entusiasmo.

Por esse tempo, um dragão descobrira Mattea escondida no seu canto e dirigira-se a ela. Se ele fôsse velho, ou feio, a pequena aldeã ter-se-ia imediatamente pôsto em fuga, mas, como pelo contrário, era moço e belo, ficou.

Também, se a noiva de Tomaso não fôsse uma linda mocidade em flor, o dragão nunca teria deixado por causa dela a divertida companhia dos seus camaradas...

(Continua). EUNICE PAULA.

Dragões do Império — Quadro de Georges Scott

O LEQUE

DE SÍMBOLO DA GARRIDICE A ORIENTADOR BÉLICO

REAPARECEM na vida da mulher moderna todos os objectos femininos, que a moda tinha banido como inuteis e incómodos, o leque, depois de abandonado e de só ser usado por algumas senhoras de idade fieis às tradições, em dias de muito calor, volta a estar em favor.

E poucos objectos têm uma história tão interessante e tão ligada á vida da mulher como o leque, que manejado por mãos habeis sabe falar; é bem conhecida a linguagem do leque usada com tanta graça pela mulher de outros tempos.

Mas é para notar que são as mulheres dos países quentes, aquelas que mais graça têm a usar o leque e entre as primeiras enfileira a mulher espanhola, que como nenhuma outra, torna o leque uma arma ofensiva de provocante coquetismo.

Um leque em mão de sevilhana, palpita, vibra, vôa e parece uma avezinha cativa, que quer fugir e é segura pela mão cruel de criança travessa.

Há leques que valem fortunas e que um colecionador não cederia por preço nenhum, porque o leque existe há muito e há provas de que catorze séculos antes de Cristo já existiam leques.

No túmulo de Tut-Ankh-Amon que viveu nessa era, foi encontrado um leque de plumas de avestruz brancas e castanhas, metidas num pé de ébano incrustado de «lápis luzuli», num feitio a que nós chamamos ventarola.

Na China os leques foram conhecidos e usados desde tempos imemoriais, e, cabe aos japoneses a honra de ter inventado os leques que se dobram e tão fáceis são de usar, êsses leques que grandes ou pequenos a mulher tem usado através dos séculos e se tem unido de tão íntima maneira á vida feminina.

Mas nem sempre os leques foram e são só para o uso da mulher e emblema de garridice e instrumento de namôro.

O leque nos países orientais era um símbolo de mando ou de religião. Na sia menor os leques eram feitos de seda bordados a ouro, e uma das mais altas dignidades era a de conduzir o leque. Dignidade que era um sintoma de favoritismo declarado.

Acompanhava o rei para tôda a parte o dignitário que levava êste leque, e quando estava no trono nas grandes audiências ficava de pé por trás do soberano levantando o leque que simbolizava o mando, e, quando o rei viajava, acompanhava-o a cavalo ao seu lado.

Esses leques tinham a rigidez das ventarolas, assim eram também aqueles leques usados nas cerimónias da religião cristã dos primeiros tempos, as «flabellum» que ainda hoje acompanham o Santo Padre nas grandes cerimónias do Vaticano, ladeando a «Ledia Gestatoria» em que Sua Santidade é conduzido.

Os leques de dobrar foram trazidos para a Europa, por Vasco da Gama, depois da descoberta do caminho do Oriente.

Tantas coisas a Europa nos deve de civilização oriental introduzida na vida ocidental; coisas de grande utilidade umas, de arte outras, e de frivolidade elegante e graciosa, ainda outras, como o leque

Nós vemos nos retratos antigos, principalmente nos de Ticiano que as senhoras usavam um quadrado de tecido bordado como uma pequena bandeira, que agitavam e com a qual se refrescavam nos dias de calor.

Mas logo as venezianas como todas as europeias adoptaram o leque de dobrar importado do Oriente pelo célebre navegador que é uma das nossas maiores glórias nacionais.

E êsses leques tornaram-se os inseparaveis das senhoras, que com êles sabiam exprimir o seu estado de alma, timidez, ou sadia, hesitação ou desespero, amor ou indiferença.

Tudo isso exprimia o leque na mão branca e pequenina da mulher dessa época. Testemunha e encobridor, dos seus amores inocentes ou condenáveis.

O aspecto dos leques foi, é e será variadissimo. Os primeiros leques artísticos vieram-nos do Oriente, marfim rendado, as varetas unidas por fitas de seda, miniaturas de côres mimosas. Depois apareceram os leques com as varetas em xarão e panos de papel onde vivem e se agitam figurinhas delicadas com as carinhas em cêra, caras que reproduzem as belezas orientais.

No século XVIII, Paris aperfeiçoou a arte do leque e as elegantes nas suas delicadas mãos manejavam êsses leques que enriquecem colecções com as varetas em madrepérola e oiro, panos de setim, que os delicados pinceis de Waltteau ou de Fragonard ilustraram e enriqueceram, com essas cenas galantes entre pastorinhas e pastores, que vestiam como personagens da côrte, e, que ficaram em perpétuo idílio sôbre o setim branco ou rosa, onde os artistas as fixaram.

Leques de finas rendas com varetas em tartaruga loira e incrustações de prata finas e transparentes, que ao tapar um rosto ruborisado deixam adivinhar tôda a beleza dum tímido sorriso.

Mais tarde os leques de papel fizeram a sua aparição em plena época do romantismo, e começaram os leques a serem verdadeiros albuns de autógrafos, poetas escreviam neles o que a dona inspirava de romântico ao seu estro, prosadores povoavam de pensamentos, os papeis de leque que abanava aquela que as interessava.

E, de tal maneira se propagou êsse hábito, que chegou a fazer o terror dos literatos, que eram assediados pelas meninas românticas, que faziam colecção nos leques de versos e amabilidades.

Era elegante ter o leque valorisado pelo poeta ou pelo escritor, e, leques havia que tinham verdadeiras obras de arte no seu pano. Outros, como se estendia a todos o pedido de autógrafos eram receptáculos de banalidades.

Assim é com tudo neste mundo. Na mesma idéia e sua execução pode-se atingir o cimo da montanha da Arte ou caír no fundo e árido precipício da vulgaridade.

Como os leques que se usavam nessa época eram muito grandes, fácil era torná-los um volumoso album.

Quando a mulher começou a tornar-se independente e a masculinisar um pouco as suas maneiras, o leque caiu em desagrado; já se não usava desmaiar, nem o rubor tingia as faces ao ouvir uma frase de amor, não era, pois, preciso esconder o rosto por traz do leque, como a ave se defende com a aza.

A mulher avançou muito no caminho da desenvoltura, avançou de mais sem se deter no meio termo, que como ente impulsivo que é, desconhece por completo, e, agora hesitante e reconhecendo o seu êrro retrocede, e a moda sempre pronta a ampará-la nessas reviravoltas começou a fazer ressuscitar as coisas que a feminisam. Os cabelos alongaram-se, subiram para o alto da cabeça enrolaram-se em espirais e caracóis, a cintura adelgaçou, os vestidos complicaram-se e o leque reapareceu, mas saberá a mão feminina que o desporto calejou, usar com a mesma graça essa arma de extrema garridice?

Certamente que é capacíssima de o fazer, porque é intuitiva nela a garridice, e, o leque acolhido com entusiasmo ouvirá de novo segredos de amor e palpitará nervosamente em brancas mãos de unhas coloridas num terno assentimento, ou será fechado rápido e nervosamente num significativo corte de conversa.

Os novos leques manifestam a sua predilecção pelos leques de renda e pelos leques de plumas, e num espectáculo em Paris foi muito notada uma senhora que escondia a sua esbelta figura por trás dum leque feito de penas de águia e montado em tartaruga e oiro.

Escondida atrás dêsse leque a moderníssima elegante tomava um aspecto esfíngico.

E não há aspecto de maior desânimo do que o que nos dá um roliço braço, uma mão de dedos longos de unhas vermelhas esmaltadas tendo pendurado um leque meio fechado que lembra as azas caídas dum passarinho ferido.

Com o leque fazia Ana Pawlova uma das suas admiráveis dansas escondendo-se tôda por trás dum imenso leque de plumas, mas o emprêgo que um leque nunca supôs ter, é o de sinalizador bélico durante a guerra. E foi experimenta um colossal leque de aço com as varetas segurando um enorme pano e num campo de batalha mostrando de onde vinha o fogo.

Extranho destino para um leque, e desejamos, que não seja usado êste objecto de elegância e arte em tão violento e terrível mister.

Deixemos ao leque o seu ofício de embelezar a mulher com a sua graça e de a envolver, com a sedução da sua feminilidade.

MARIA DE EÇA

MORS-AMOR

Enaquela madrugada radiosa, a Virgem erguendo-se, abriu os seus olhos infantis e olhou curiosa a grande estrada branca.

Pareciam-lhe mais verdes as árvores, e o céu, ao longe, de mais suave côr.

E, encantada, pôz-se a caminhar para o ver de perto; mas a estrada clara, monótona, incomensurável, parecia desafiar o esfôrço dos seus pequeninos pés. E, quando a tarde começou velando com seu manto de prata a luz do sol radiante, já a Virgem, de cansada dormia à beira do caminho.

Rodeiam-na agora estranhas criaturas: são tôdas jóvens e formosas tôdas. E os véus ternissimos, em que se envolvem, são mais transparentes e mais leves que os pedacitos de nuvens rosadas que deslisam pelo céu. É o bando alado das ilusões, servas fieis da divina Quimera — a princesa magnífica e poderosa.

Inclinando sôbre a Virgem as suas cabeças loiras, olhavam-na curiosamente.

— Como é linda! — diz um.

— E inocente — um outro acrescenta. — O seu sôno é calmo, como o da criança adormecida nos braços da mãe desvelada. Assim pura e formosa, que lhe daremos nós que a mereça?

Só então a Quimera se aproxima... E, reparando nos pésitos vermelhos e cheios de pó, exclama enternecida:

— Eu lhe darei as minhas asas de oiro, para que não torne a pisar os rudes caminhos da terra.

E, enquanto a Virgem dorme descuidada, prendem-lhe aos ombros frágeis as duas asas enormes, transparentes como dois lindos raios de sol, que a envolvem tôda em seu clarão divino.

Já de novo a madrugada veio alegrar a terra. A Virgem acorda, ergue-se, e sente-se tão leve... Vai a andar e os seus pés pequeninos deslisam ligeiros, mal aflorando o solo!

Repara então nas belas asas que a transportam, e, deslumbrada ao vê-las, tenta um vôo, tímido primeiro, mas logo audaz, ansioso, mergulhando enfim no espaço infinito.

Já vai tão longe, tão alto arrebatada, que, ao olhar o mundo pequeno e mesquinho, cuida não poder a êle voltar jamais.

E segue na sua carreira triunfal, entre o canto das aves e o brilho das estrêlas.

E pensa, orgulhosa:

Tudo possuirei quanto apetecer, porque a tôda a parte me levarão as minhas asas. Poderei caminhar sôbre a esteira de prata que, em noites de sonho, a lua estende sôbre o Mar; brilhará em meus cabelos o raio de sol que vai doirar, as neves geladas nos píncaros das mais altas montanhas; e será um tapete humilde para os meus pés, a asa arrojada das grandes aves que cortam o espaço e parecem sumir-se ainda para além das estrêlas. Tudo terei se quizer!...

E, porque a tudo alcança a sua vontade, já nada é desejavel para a Virgem saciada.

Um dia, interroga-se desoladoramente:

— Para que voarei mais longe ainda, se nada anseio do que encontro, e sinto, ai de mim! que jámais encontrarei o que desejo?...

E voltou à terra, tristemente.

Brilha o luar formoso e claro, e a Virgem semicerrando os olhos, fita o luar, pensativa...

Uma canção passa, mais suave que a brisa que sussurra de manso entre a folhagem, mais estonteante que os perfumes dessa noite formosa.

Ela escuta-a em sobresalto... É o Amor que vem poderoso e forte, prendendo com seu canto as almas descuidadas. Caminha tranqüilo e desdenhoso, e o luar põe claridades de sonho na sua armadura prateada. E as patas do seu corcel transpõem barrancos e despenhadeiros. Então a Virgem, subjugada, exclama, estendendo os braços:

— É a Ele, só a Ele que eu desejo! Mas, mais rápido que o vôo das asas da Quimera, caminha o Amor... E a pobre extenua-se, e não consegue alcançá-lo.

Cheio de luz ardente o seu olhar dominador, cheia de promessas sua boca formosa, êle vai por caminhos estranhos e rudes... E as pobres asas da Virgem, que fraquejam, vão deixando o pó doirados pelos caminhos crueis!

E são agora apenas dois esqueletos, ténues, delicados, que ainda oscilam frementes, sem conseguirem levá-la. Já os pés lhe sangram e se lhes despedaçam as roupagens.

Desgrenhada e sangrenta, ela segue-o ainda, caminhando de rôjo, implorando-o sempre.

Súbito, emfim, as mãos lhe tocam, e ela, esquecendo as suas dôres, exclama, triunfante:

— És meu, Amor!

Mas o Amor ri extranhamente, num riso feito de amargura e de sarcasmo.

Já a Virgem gloriosa lhe arranca o elmo com as mãos débeis, que tremem de emoção...

Mas a face que vê é descarnada e pálida como a dum espectro, tràgicamente cavado em fundos sulcos de agonia.

O Amor, formoso e jovem, transformou-se naquêle fantasma lívido que a aterra. E estremecendo de espanto, soluça com desespêro:

— Amor onde estás tu, por quem tudo sofri?!

E, então, o fantasma, enlaçando-a nos seus braços, diz-lhe apiedado:

— Pobre sonhadora! Pelo Amor quebraste as asas da quiméra, e, porque tanto o desejaste, o Amor implacável conduziu-te à morte. Descansa enfim nos meus braços; eu te levarei docemante agora...

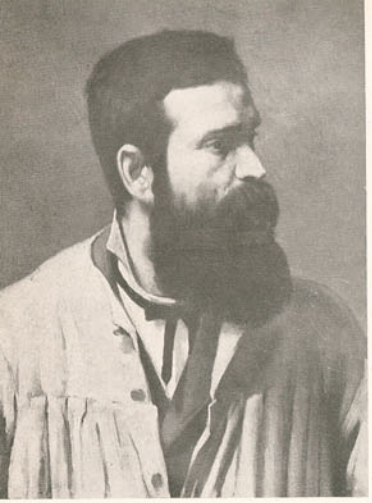
E a Virgem deixou-se transportar, embalada por essa voz suave e triste.

São ásperos e tortuosos os caminhos que ela segue; ásperos e tortuosos como os que, dantes, seguia. Mas a Virgem, aconchegada nos braços da Morte, já não sente a rudeza dos caminhos.

E, absorta num sonho maior do que todos os que até então sonhara, murmura:

— Morte, eu te abençôo, porque melhor do que a Quiméra, que só me deu tédio e ansiedade, mais generosa do que o Amor, que apenas serviu para torturar-me, tu me deste o único bem verdadeiro — o eterno e abençoado repouso.

ESTHER CORTE-REAL



Retrato de Soares dos Reis, pelo pintor Marques de Oliveira

Breves apontamentos sôbre Soares dos Reis

Um génio que luta à procura de mais amplos horizontes

SOARES dos Reis teve, ainda assim, um punhado de amigos que o veneraram, e que nos seus momentos de mais atroz desilusão o souberam amparar. Além dos camaradas da sua infância, dos velhos visinhos que lhe deram a mão, de meia dúzia de colegas que lhe foram fieis até ao fim, houve outra meia dúzia de discípulos que o adoravam pelo bem que receberam dêle. Teve amigos no jornalismo para o defenderem com unhas e dentes, no clero e na crítica para o apreciarem com justiça, e sobretudo na gente humilde da sua aldeia, a qual se orgulhava na nomeada daquele patrício, embora não percebesse as suas *manias* e as suas *matuquices*, mas confiava no que ouvia apregoar, sendo, pelos vistos, toda aquela esquisitice um signal do seu valor. Mas há ainda a contar um ou outro amador de belas coisas, gente rica e de gôsto que viam nele um *diferente dos outros*, ajudando-o com encomendas e acarinhando-o com obséquios, comprando-lhe, ainda que por tuta e meia, as obras que executava ao sabor da sua vontade, mas sempre seguros do bom negócio que fariam.

Soares dos Reis — Fotografia inédita feita em Paris

Datou daquele ano de 1874, a «*Cabeça de preto*» que êle executou em mármore e a família Oliveira Chamiço, de Lisboa, lhe comprou, e o mármore do «*Artista na infância*» que a Duquesa de Palmela adquiriu, o qual foi exposto em Paris ao mesmo tempo que o busto de «*Domingos de Almeida Ribeiro*», pertença do retratado, amigo do Artista e professor respeitável no Liceu do Porto.

Foram êstes os ousados admiradores de Soares dos Reis que houveram a coragem de lhe dar as primeiras ajudas e os primeiros estímulos. Todos nós lhes devemos a gratidão, e por tal aqui gravamos os seus nomes.

Oliveira Chamiço, porém, não se contentou com aquele busto de negro, onde o Artista conseguiu talhar uma obra clássica, apurando os volumes que aquela raça jamais vira tão nobres; anos depois adquiria também a figura da «*Saüdade*», uma das mais expressivas e portuguesíssimas esculturas portuguesas, apesar do clacissismo dos panejamentos que envolvem o lindo corpo daquela rapariga, duma naturalidade comovedora na sua posição de pensativa, e duma delicadeza sem igual no jeito das mãos e na doçura da máscara, deixando-nos adivinhar o azul das suas pupilas, o lirismo do seu pensamento e o «delicioso pungir» do seu coração. A máscara do modêlo desta estátua foi retocada no gêsso pelo Artista, difinindo-lhe a fronte e o desenho das pálpebras a golpes de escôpro, com uma tal precisão de corte e agitação plástica, que resultou uma lição profissional para quem a examine com amor e julgue ingratas as matérias.

Á maneira dos antigos, Soares dos Reis modelava as suas figuras nuas — sempre do natural — antes de as construir com as vestes que o motivo reclamava. Só assim, por baixo daqueles panejamentos, palpitava a vida das imagens, e tal era o poder da expressividade que imprimia ás obras, que quási podemos imaginar literáriamente, que êle as começava modelando lhes o coração. O seu processo de vestir êsses nus aprendera-o nos museus lá de fora: — molhava os panos finos que lhe servissem de subsídio, cobria com êles os modêlos, deixava-os secar e traduzia-os depois ao barro ou ao mármore. Assim se explica certo paralelismo nas dobras do pano, a abundância de caprichos no seu movimento e a fragilidade subtil de muitos dêsses pregueados. Mais tarde emancipou-se dêste método, lançando á larga o modelado das vestimentas das suas estátuas, embora sempre quedasse fiel á delicadeza dos princípios, tocando-o aqui e além com finuras de escôpro que o tornava precioso. Existe na Escola de Belas Arte, no Porto, um gesso assinado pelo Artista, que servira, por assim dizer, de manequim, para esta estátua da «*Saüdade*».

É também de notar que a maior parte das suas figuras têm o ar meditativo e sereno. Essa meditação, quási sempre melancólica, vinha-lhe directamente da alma que êle reproduzia em todas as suas divagações plásticas, por assim dizer irreflectidamente, como uma fatal confissão do seu próprio drama; e a serenidade dessas expressões aprendera-a êle na estatuária antiga, apreendendo da vida dos modêlos o extatismo sintético que exprimisse o melhor dos seus pensamentos ou as características dos seres, tornando eternas essas expressões humanas. Êste é um dos segredos que os deuses ensinavam aos génios.

O ano de 1876 fôra um dos mais felizes da sua vida de artista, não havendo notícias de qualquer obra sua, executada no ano anterior. Aquêle descanso forçado e de arrelias, utilisara-o em meditações, examinando a obra passada e resolvendo criar uma nova, mais viva, mais realista, mais simples e mais intensa. O busto de *Domingos Ribeiro* é o primeiro ensaio de naturalismo sereno, tão próximo da verdade que apenas lhe falta certa vibração de técnica que mais tarde caracterizam uns três ou quatro bustos que modelou, e que são obras primas de todos os tempos. Após aquele busto de tipo fino e da melhor burguesia tripeira, cujo mármore tem ainda doçuras de forma, a sorte trouxe-lhe a encomenda duma das suas obras máximas, que é a estátua do *Conde Ferreira*.

Modelada numa hora de febre, foi de génio e infelizmente passada ao mármore, para a campa do benemérito em Agramonte, com menos ânimo de criação e quási desinterêsse pela interpretação dos canteiros que a reproduziram. O modêlo em gêsso, porém, é a melhor lição de quantos artistas portugueses a têm contemplado. É a obra mestra do Mestre, que foi sempre excepcional em tudo quanto modelou. Adivinha-se o brio e a gana de criar uma obra nova que os seus cismares haviam resolvido, revolucionando a ordem de quanto esculpira até então. E como era obra de conquista dentro dum ideal moderno, saiu-lhe a mais humana de todas, sendo a mais simples de forma, a mais emotiva de expressão e a menos intelectual de aparência exactamente por ser a de sentido mais plástico.

A par do *Desterrado*, afrontando-o até, esta maravilha deu orgulho a todo o país, que pode afirmar em qualquer parte do mundo, possuir mais uma obra prima da estatuária de todos os tempos.

Isto não obstou a que o artista tivesse de voltar a esculpir modêlos para canteiros, como êsses que Moreira Rato copiou — a *Riqueza*, a *Música*, a *História* e o *Trabalho*, estátua esta que figurou muitas vezes nos cortejos populares do 1.º de Maio; e a modelar imagens para altares, talhando êle mesmo o *Cristo Agonizante*, em madeira, como depois desbastou a *Senhora da Vitória*, que deu motivos ao escandaloso vandalismo de há anos, quando um santeiro a quis corrigir e a mutilou irremediàvelmente. Soares dos Reis sofreu nova crise de desconsôlo, vendo a necessidade de se sujeitar ás encomendas de figuras alegóricas para cemitérios, relêvos para estuques burgueses, *santos* para igrejas de província, um *Coração de Maria* para Viana de Castelo, um *Anjo*, uma *Carpideira*, um *Tempo*, uma pequena *Saüdade* e um *Mercúrio*, não contando com uma *Senhora das Dores*, para Guimarães, escultura de *roca*, isto é, para vestir com mantos e túnicas de armador, executando-lhe apenas a cara, as mãos e os pés, visto o resto ser manequim informe.

De quando em quando, mas sempre com intervalos amargos, modelou alguns bustos com aqueles entusiasmos sempre grandes, de verdadeiro artista: — o de *Pinto Bessa*, para a Câmara do Porto, e que é um dos seus mais fortes retratos; e a linda cabecinha de rapariga a que chamou *Flor Agreste*, mármore delicioso que ultimamente andou por leilões, e quási foi precisa uma subscrição pública para não ser alvo doutros ultrages.

Até 1881, ano em que se decidira a fazer concurso para professor da Academia onde fôra aluno, e isto por insistências de amigos que desejavam vê-lo no seu verdadeiro lugar, os quais á ultima hora o levaram a um botequim de S. Lázaro e ali mesmo o forçaram a escrever o requerimento das formalidades oficiais, teve de suportar colaborações com inferiores, que o trataram em pé de igualdade. Além dum busto monumental de *Camões*, esculpido em quatro dias com a ajuda de Marques Guimarães, talhou também as duas imagens de granito — *S. José* e *S. Joaquim* — para uma capela de arquitectura frouxa, na rua do Almada, do Porto, sempre á espera de melhores dias, lutando contra a sorte e contra o acanhado meio em que vivia, contra os mandões, que o não compreendiam, sonhando com a libertação de toda aquela miséria, fazendo projectos para emigrar dali para fora, antes que, desiludido da felicidade a que tinha direito e que a arte lhe não dava, renunciasse totalmente a tudo.

— «A Arte consola de muito, mas não consola de tudo!» — dissera êle, num queixume.

Delfim Guedes, protector das artes e amigo dos artistas, pediu-lhe para retratar a sua filha Luiza, que era uma linda criança. Ainda hoje existe o busto preparatório e alguns estudos mais para essa delicada estatueta da *Filha dos Condes de Almedina*, também conhecida pelo título de *Primavera*, e que o Museu de Lisboa guarda com justificada soberba.

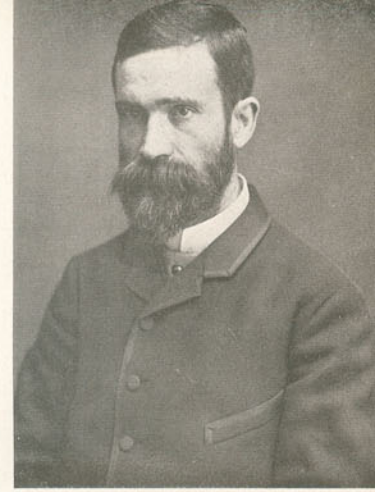
Ao mesmo tempo modelou o estupendo busto de *Pinto Leite*, que o próprio retratado recusou, exactamente por ser uma das melhores obras naturalistas, que mãos portuguesas esculpiram, assim como o de sua mulher, *Emília Pinto Leite*, cujo mármore, por birra do artista ficou a meio da execução e só ultimamente foi descoberto nas arrecadações do Museu de Arte Contemporânea. Quem desejar compreender o génio do Artista, tem não só de analisar os marmores que burilou com ciências técnicas, mas muito especialmente os gessos anteriores, directamente modelados do natural, os quais muitas vezes são superiores áqueles, embora uns sejam a reprodução dos outros, mas sempre executados com a independência dum descontente.

No ano da conquista da cadeira de escultura na Academia do Porto, a febre de trabalho e a alegria infantil de novas esperanças, salvaram-no da renúncia que o ameaçava. Voltou a animar-se, a *crer*, e confiado na justiça dos homens, enviou á Exposição de Madrid, o mármore do *Desterrado*. Foi ali premiado com a 1.ª medalha de oiro, e a sua fama levou o rei a agraciá-lo com o grau de Cavaleiro de Carlos III. Aquela medalha fez criar na fantasia do povo, a lenda de que o artista em horas de fome a quisera derreter, vender ou empenhar, recusando-se por orgulho a recorrer a um empréstimo. É falsa e feia a versão. Soares dos Reis era um caracter excessivamente escrupuloso nas suas acções, para nem sequer pensar em tal coisa. Morreria de fome, mas não desrespeitaria uma honra com que tão justamente fôra galardoado. Outra versão correu, para amostra da sua honestidade, de que em Espanha lhe haviam oferecido muitos milhares de duros pela estátua, mas que êle recusara, apesar da míngua em que vivia:

— «Que a estátua não lhe pertencia; porque era da Academia e a esculpira para Portugal!»

E a lenda completa-se dizendo que os colegas o aconselharam a fazer uma reprodução para dar satisfação á Escola, aos quais respondera: «nem eu próprio sou capaz de fazer outra igual», gritando-lhes na cara que não era nenhum *fistore*, isto é, um traficante de arte. Quem inventou esta história, errou ao dizê-lo vaidoso, mas deu com a altivez da recusa, um traço da personalidade do artista. Soares dos Reis foi um homem honrado até aos maiores sacrifícios. Só teve uma quebra de bondade, um único acto fraco e egoista na sua vida que sacrificou, sem pensar que com tal sacrifício poderia atingir aos olhos dos maus, a honradez de quem mais amava.

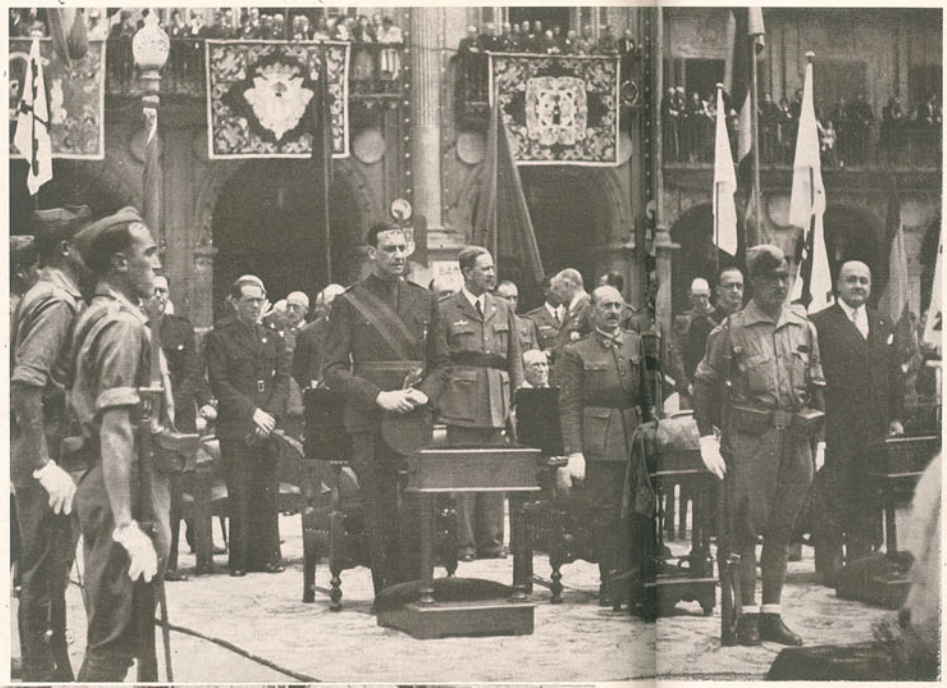
RUY DE ARAGÃO



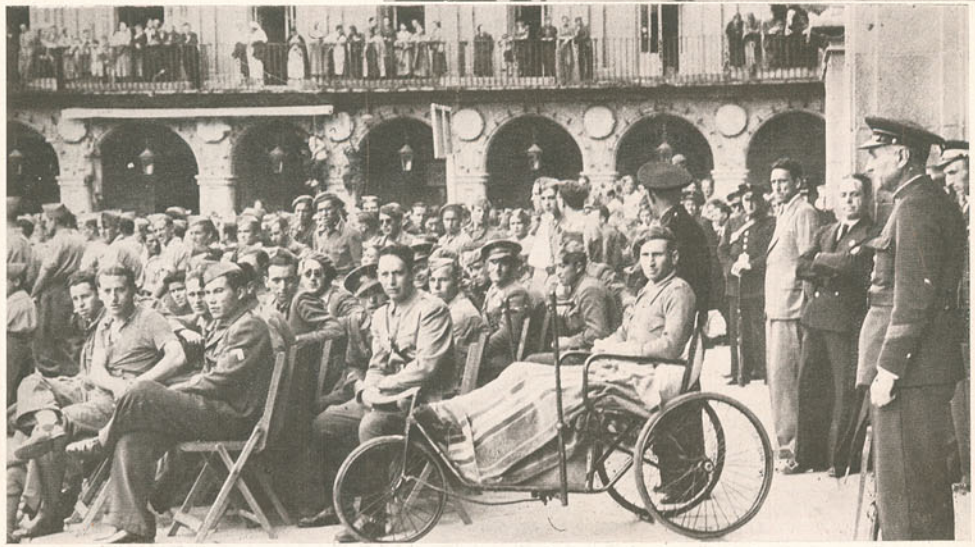
Soares dos Reis — Fotografia Bobone — Lisboa

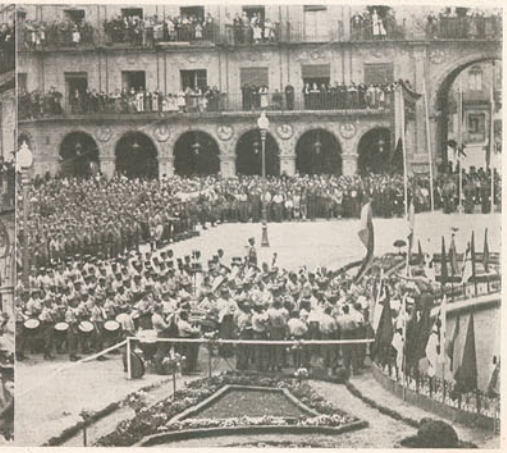
Estatueta da filha dos Condes de Almedina, por Soares dos Reis

A HOMENAGEM PRESTADA EM SALAMANCA AOS "VIRIATOS"



Em cima, à esquerda: O general Millan Astray condecorando o alferes Claudio Correia Mendes. — *Ao centro:* O ministro da Defesa Nacional e os embaixadores de Portugal em Espanha e da Espanha no nosso País, assistindo à missa por alma dos que tombaram no campo da batalha. — *Em baixo:* Um grupo de mutilados da guerra assistindo às festas em Salamanca. — *Em cima, à direita:* Um grupo de oficiais portugueses que foram condecorados, alinhados na Plaza Mayor de Salamanca. — *Ao centro:* O ministro da Defesa Nacional, embaixadores de Portugal e Espanha e outras individualidades saudando os «Viriatos» numa tribuna erguida na Plaza Mayor. — *Em baixo:* Os legionários desfilando sob as aclamações entusiásticas da multidão. — *A' direita:* Um imponente aspecto da Plaza Mayor na cerimónia em honra dos «Viriatos»





A obra do escultor António de Azevedo

o artista de valor, tão mal reconhecido

Dançarinas, por António de Azevedo

A província é um saco rico onde se escondem muitos artistas que as Escolas Industriais atraíram, não fôssem os atropêlos da luta pelo pão nosso de cada dia, atirá-los para a má-lingua dos botequins e das esquinas das capitais a augmentar o espectáculo da preguiça ou do desemprêgo profissional. A província acolhe-os, retêm as suas possibilidades de acção e também egoísticamente aferrolha os sonhos, os desejos e o talento dêsses peregrinos desprotegidos do elogio na imprensa. Um dêsses artistas de grande e delicada sensibilidade, é o escultor António de Azevedo, que, depois dum curso brilhante feito na Escola de Belas Artes do Pôrto, e duns anos de apuramento culto da sua arte, passados nos museus e nas escolas de Paris, havendo calcurriado galerias da Bélgica e da Alemanha para melhor alcançar quanto a sua ilusão requeria, teve de recolher ao mosteiro humilde da nossa província, a ensinar operários no difícil jeito dos desenhos e a modelar algumas obras que o pequeno estímulo de tão pequenos meios lhe sugerissem.

A Justiça — estátua de Diogo de Macedo

António de Azevedo, artista culto e civilizado, com percepções preciosas para brilhantismos na exploração das formas e cheio de capacidades técnicas para a construção de obras de vulto, vive há alguns anos retirado na cidade de Guimarães, onde, a-pesar-de tudo quanto uma pena não pode dizer sem passar por injusta ou traiçoeira, tem conseguido erguer alguns monumentos e talhar alguns retratos em pedra. Um dêstes últimos foi o busto do Senhor Presidente da República que, por boa sorte do destino, a Camara Municipal de Lourenço Marques soube adquirir. Os portugueses de África, pela sua melhoria de qualidades de actividade e de delicada compreensão dos valores artísticos que por cá se quedam encobertos aos olhos dos metropolitanos, são crèdores de muita gratidão dêstes mesmos artistas. Pela minha parte não esquecerei nunca as exemplares atenções com que me trataram um dia, ao procurarem-me para lhes enviar a figura da "Justiça" que o Tribunal de Lourenço Marques possue. Agora com as obras que o meu camarada de há trinta anos lhes enviou, para a II.ª Exposição de Arte em Moçambique, por certo vão reconhecer o quanto lhes vale a pena ter orgulho nos artistas de Portugal. São dois bustos femininos, talhados com doçuras de expressão e de formas, dignos dum bom museu da Europa, e portanto, igualmente dignos de figurarem em galerias do ultra-mar. Admirei-os antes da sua partida e Deus sabe quanto os invejei, embora há muito esteja habituado a encantar-me com os trabalhos de apurado gôsto dêste colega.

Nascemos na mesma aldeia e no mesmo ano. Fizemos os cursos nas mesmas escolas e ao mesmo tempo terminámos o de escultura, seguindo a par para as labaredas queridas de Paris. Ali os nossos sonhos se desenvolveram em paralelo e numa camaradagem que se firmou para sempre. Os nossos temperamentos desiguais tomaram as direcções que os sangues impõem a quem não transige com modas ou interêsses sem decôro. António de Azevedo é sobretudo um deslumbrado da luz sôbre vida, um delicado pesquizador de formas meigas e um estilista na composição das estátuas que idealiza. A sua galeria de retratos tem a macieza bondosa de quem colhe nos modêlos, especialmente, a beleza calma que a luz adoça e apaixona os cinzeis de quem a colhe e transfigura em sínteses puras. As figuras que modela, esbeltas, graciosas e decorativas, requerem jardins, silêncios de lagos ou mistérios de campos-santos. Em Guimarães deixou gravadas algumas destas composições, ora em cemitérios, ora em jardins de sabor antigo e íntimo. O monumento a *Martins Sarmento*, de discreta arquitectura, é um resultado estético das suas comoções plásticas, assim como a *Fonte do Sátiro* e o grupo *Dançarinas*, aqui reproduzidos, que é, sobremaneira, uma combinação de ritmos, à maneira de Joseph Bernard, escultor francês, que sempre impressionou o nosso artista. Todavia os mármores reproduzindo cabeças de raparigas simples, tipos populares que êle elegantiza e até intelectualiza na sua expressão total, seriam suficientes documentos para firmar um nome com segurança, se Portugal não fôsse um país descuidado

Palmira (mármore) por António de Azevedo

com os seus autênticos valores, que deixa estiolar pelos buracos das províncias e raramente coloca nos patamares da justiça, ocupados por outros mais astuciosos sem que ninguém se aperceba do lôgro ou tenha coragem para os deslocar e pôr em seu devido lugar.

António de Azevedo multiplica-se constantemente. Derige uma escola, importante, ensina desenho a inúmeros operários, é arquitecto, cultiva a arqueologia artística, faz parte de comissões de arte e de ensino, e nunca deixa de esculpir, embora lhe sejam raros os ensejos e as enulações para a criação da obra que sonhou. Além dos bustos femeninos a que me referi, é também autor dos retratos dos pintores António Carneiro e Joaquim Lopes, do médico Magalhães Lemos, do industrial Álvaro Miranda e ainda doutros mais, retratos admiráveis onde a transmissão psicológica é notável, podendo ser contado entre os melhores retratistas portugueses. Esta capacidade desenvolvida de acção e de aptidões é uma característica civilizada dos artistas modernos, que por causas dinâmicas da vida actual, por necessidade de relações entre os problemas de espírito que se ligam entre si para alcances de boa harmonia e por desenvolvimento lógico de cultura estética que os períodos de renovação exigem, torna muito mais elástica e universal, não só a sensibilidade mas também a fortuna de conhecimentos profissionais dos plásticos, cuja ansiedade, naturalmente, deseja meios febris para expanção dos ideais.

Busto de rapariga — por António de Azevedo

São estes, em todos os verdadeiros artistas, mais ou menos desassocegados, ainda que sólidos nas raízes donde brotaram; de aí a aparente inconstância das obras de cada um, que quanto mais mais divergem na forma, maiores aplausos merecem. Em bloco é que as gerações devem ser julgadas, resultando mais viva a época quanto mais variada fôr a produção de cada indivíduo. António de Azevedo é um dos artistas mais defenidos nesta acção de conjunto, que em breve futuro será apreciada com diferente justiça daquela que ultimamente se vê zonza para resolver as sentenças.

Quando a Portugal chegar a *moda* editorial, já há muito usada em terras estrangeiras, de se reünirem em album as reproduções das obras dos escultores portugueses, não por publicidade individual, mas para propaganda dos valores nacionais, que bem mais a merecem que os negócios e as indústrias sem originalidade apregoadas além fronteiras, e a boa crítica escolher os nomes daqueles que devem formar a vanguarda dos criadores de beleza, António de Azevedo fará parte das primeiras filas, como um dos mais representativos e dos mais seguros na sua personalidade. Imaginário de subtil visão e com delicadesas de gôsto em tudo quanto produz, marcará uma corrente particular duma estética iniciada no século XVIII, elegante sem ser fútil, fina sem ser frágil, meiga sem ser sentimental, digna portanto de ingressar na parte tradicional e decorativa dos classicismos, a que a sua maneira pessoal deu uma expressão moderna, sem extravagâncias nem atrevimentos apressados.

A escultura moderna em Portugal tem duas correntes defenidas, que a França e a Itália influenciaram, se não directamente, pelo menos atravez dos tempos passados. Ambas elas andaram adornando as catedrais e glorificaram os heróis. Nenhuma, a-pesar-dos desejos evidentes nas suas estruturas, colheu a forma dos gregos, porque a índole dos artistas portugueses é refratária aos paganismos simbólicos e à secura das ordens olímpicas. Soares dos Reis e Simões de Almeida na sua obra colhida entre as ruínas e os museus de arte grega, sondaram-lhe os encantos, mas deram outro sentido de intimidade religiosa às formas ali apreendidas. Foi sobretudo o gôsto românico, transfigurado séculos depois pelas liberalidades do barrôco, que deram estilo próprio à escultura portuguesa, não contando com as tormentas gótico-manuelino incidentais e com as assimilações do Renascimento, que denunciam fortemente as nossas possibilidades de adaptação, revelando embora ao mesmo tempo os protestos do feitio nacional. Actualmente a escultura portuguesa — á-parte os decorativismos exigidos pela arquitectura moderna que a movimenta em descritivos anedóticos e convencionais, — guia-se em duas direcções muito claras: — dum lado o classicismo austero, discreto e estático; e do outro, o movimento naturalista, lírico e de espressões mais febris. Ambas se apoiam em tradições dos terrenos onde floriram com brilho, e ambas procuram uma forma concreta de nacionalidade. A História procura orientar com igual interêsse estas paixões, e deve ser a arte quem um dia firmará a verdade mais perfeita da raça que glorifica. António de Azevedo pertence à

Busto de senhora — por António de Azevedo

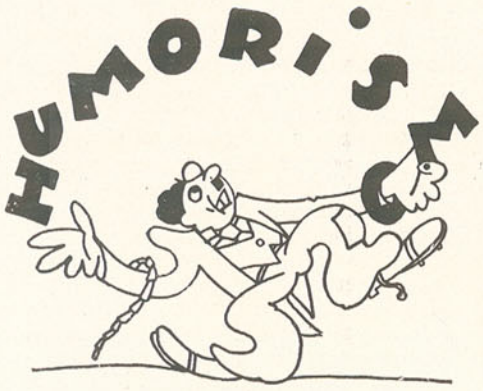
segunda corrente, a mais numerosa de cultores, que estimam na graça um dom de vida, que a outra corrente repudia por sonhar com a eternidade. Existe uma relativa modestia neste desejo de estatuar os sentimentos humanos e as suas fatais agitações exteriores, que a-pesar-de nos acusarem lá fora como um "povo de suícidas", prova naturalmente com documentos tão irrefutáveis, o êrro sistemático das opiniões meramente literárias. Os nossos cemitérios, a par dos ciprestes estão cheios de roseiras... A nossa escultura — e a de António de Azevedo é um lindo exemplo — também está cheia de graça e desejosa de cantigas de amor.

É, pois, com grande alegria que hoje recordo a obra dêste escultor mal reconhecido, estampando aqui algumas das suas esculturas mais notáveis.

DIOGO DE MACEDO.

A Fonte do Sátiro, em Guimarães

HUMORISMO



Um viúvo acompanhou ao cemitério os restos mortais de sua mulher. Um dos convidados, vendo o ar abatido do viúvo, preguntou-lhe com interêsse:

— Como se acha?

O viúvo deu um suspiro e replicou:

— Ah! êste passeio fez-me muito bem!

-•-

Uma senhora ralha com a criada:

— Isto não pode continuar, Maria. Você deixa sempre pó quando faz limpeza. Olhe para esta mesa... Você podia escrever o seu nome em cima dela.

— Ah! isso não podia, minha senhora.

— Digo-lhe que podia.

— Não podia, minha senhora, porque não sei escrever.

-•-

Um novo rico mostra a sua casa a uma visita que vai admirando as preciosidades ali acumuladas.

— Bela estatueta! É de Endimião?

— Não senhor. É de bronze autêntico.

-•-

O doente, desconfiado, para o seu médico:

— Então o doutor receita-me banhos de mar? Não tenho confiança nêles. Tive um amigo que foi vítima dêles

— Como? Então que lhe aconteceu?

— O que havia de mais simples: morreu afogado.

-•-

— A sua profissão? — pregunta o juiz a uma testemunha.

— Sofista.

— Sofista de quê? — preguntou o magistrado olhando o pobre homem com certa desconfiança — Consta-me que o senhor é marceneiro.

— Pois sou. Mas, como faço sofás, já vê V. Ex.ª que não podia ser outra coisa.

-•-

Numa aldeia, nos belos tempos do Fontes, o regedor, sr. Silva Correeiro tinha um filho que nunca fôra às sortes.

Um dia, um vizinho impertinente preguntou-lhe:

— Ó sr. Silva, sempre gostava de saber porque é que o seu filho não foi ainda à inspecção militar.

— Não foi ainda porque não tem idade.

— Essa agora! Mas êle já fez vinte anos...

— Não fez nem os fará enquanto eu fôr regedor.

-•-

Um gatuno, ao entrar na cadeia, acompanhado por um guarda, diz para o carcereiro:

— Faça favor de deixar entrar êste senhor. Vem comigo.

-•-

Um saloio, dando-se ares de homem civilizado, vem a Lisboa com a mulher, e decide-se a falar ao telefone numa cabine pública.

Ante o espanto da consorte, explica:

— Isto é muito fácil: pega-se no aparelho com uma mão e fala-se com a outra.

-•-

Num jantar de noivado, um dos convivas, ergue a taça e brinda:

— Pelas felicidades do noivo, fazendo votos porque êste dia se repita muitas vezes.

-•-

O moço: — Sou muito infeliz! Em tudo, na vida, tenho sorte, menos com as mulheres.

O velho: — ¿E considera-se você infeliz, por isso?

-•-

— Júlio, — pregunta o professor — ¿pode dizer-me quem era Colombo?

— Ora essa, senhor professor: Colombo era uma ave.

— Uma ave?! O que o leva a fazer semelhante afirmação?

— Porque sempre ouvi falar do ôvo de Colombo...

-•-

Á cabeceira de um doente:

O médico: — Devo dizer-lhe que o seu estado é gravíssimo. ¿Há alguém a quem deseje vêr?

O doente: — Sim. Desejo vêr imediatamente outro médico...

-•-

Depois do jantar, o dono da casa passeia, no jardim, com alguns convidados. De repente pára e, apontando para uma árvore, diz:

— Ao pé daquela árvore, sob um monte de terra, encontrei a felicidade e o sossêgo para o resto da minha vida.

— Algum tesouro? — preguntaram.

— Não! Fiz um buraco e enterrei nêle, o meu aparelho de telefonia...

-•-

— Não vens ao entêrro do amigo Januário?

— Não. Eu só vou ao entêrro das pessoas que também forem ao meu.

-•-

O advogado: — ¿Já reparou que é ilegal o que pretende fazer?

O cliente: — Certamente se assim não fôsse, para que viria eu consultá-lo?

-•-

No recreio, entre dois alunos do Liceu.

— ¿Em que se parece um termómetro com um professor?

— Não sei...

— Quando o termómetro marca zero, trememos; e quando o professor marca zero, também trememos.

-•-

— Tive uma discussão com minha mulher e ela jurou-me que não falaria comigo durante um mês.

— Mas isso não é motivo para te mostrares tão apoquentado.

— É que o prazo termina hoje...

GALANTARIA DESPORTIVA

O jogador de rugby que acaba de arrancar um pedaço de camisola ao adversário:
— O meu amigo, no fim do jôgo escreve-me aqui uma dedicatória, sim?

ACTUALIDADES

Em cima, à esquerda: O sr. Presidente da República, acompanhado de sua esposa, visitando a XI Exposição Canina Internacional de Lisboa. — *À direita:* A bandeira do Colégio Militar com a guarda de honra em continência. — *Ao centro:* A manifestação fúnebre, promovida pelo Grupo Tauromáquico Sector 1, à memória do saudoso escritor Lino Ferreira. — *À direita:* A mesa que presidiu à sessão comemorativa do 59.º aniversário da fundação do Ateneu Comercial de Lisboa. — *Em baixo:* O Chefe do Estado passando revista à guarda de honra na festa anual do Colégio Militar para demonstração das suas provas finais de aptidão física militar e exposição dos trabalhos escolares do ano lectivo

VIAGENS NA

A vila de Serpa,

Entrada do castelo Velho, de Serpa

I

Porque não hei-de dizer que vim a Serpa visitar meu filho José, que é nesta vila Conservador do Registo Predial — e que não foi por simples turismo qua fiz viagem ao Alentejo?

Há nove anos publiquei um livro — *Por Terras de Portugal* — e houve ingénuos amigos que julgaram que, em todos os anos que me restassem de vida, eu não faria mais que descrever monumentos e pintar païsagens: companhias de caminho de ferro, empresários de camionetas, camaras municipais, (porque não o próprio Governo?!) haviam de requerer, à porfia, os meus serviços...

Não me fadou o Destino para tão altas cavalarias, e bem provado está que em pura perda intentaria fazer Arte, à conta das impressões que me dá o jornadear.

Mas costumei-me a tomar apontamentos; e, de quando em quando — se não tenho mais que fazer — tiro alguns da gaveta, copio-os, e dou-os a qualquer dos meus amigos optimistas, que tenha jornal ou revista onde caibam.

Estou convencido que são os únicos que, real e efectivamente, os leem; estou-lhes muito reconhecido.

*

* *

Pois, apenas acabámos de almoçar — meu filho foi para a Repartição, e eu pus-me a calcurriar a grande vila, sem designio certo, sem plano.

Por aí fora, sòzinho... Que é como eu mais gosto de conhecer povoados — dispensando apresentação.

Subo a rua dos Lagares. A primeira coisa que me surpreende — é a gente. Pensava que, cá para o sul, tudo era moreno; pois quási todos são brancos a valer, e até as mulheres dum branco rosado.

Logo encontro um ranchinho de raparigas — como agora se diz, um friso encantador de raparigas. Parece o seu sorriso dizer: — *Ora seja muito bem vindo!*

São altas, elegantes, com um ar senhoril que impressiona e deve tornar os homens tímidos.

Procuro entrever almas, através de corpos...

Esta mulher, que leva na mão uma cantarinha, e decerto vai ali ao chafariz, que magoado semblante que tem!

Anda traquinando garotada miuda; e as mães vigiam, às janelas ou à beira da rua, sentadas em banquinhos, a costurar ou a fazer *tricot*.

E então reparo que, neste celeiro do Alentejo, também a miséria faz as suas sementeiras...

Ah! nem tôdas as mulheres moças de Serpa têm a pele rosada e parecem flores a desabrochar num canteiro: brancas também estas o são, mas quantas pálidas, com olheiras fundas — talvez de chorar as amargas lágrimas de quem nem sempre encontra pão para os filhinhos.

Vou subindo sempre, e noto que a rua mudou de nome: chama-se agora de Miguel Bombarda. E são tudo casas baixas de rez-do-chão, calçadas a tijolo, e com um ou dois degraus de entrada.

E como é rara a janela fechada, vou lançando os olhos para o interior: admira-me como, na manifesta pobreza, tudo reluz de caio, e tudo é limpo e asseado.

E que pitoresco típico o das chaminés, que sôbre os telhados destacam, como templêtes, no azul do céu!

Paro, surprêso, a contemplá-las na prolongada perspectiva, que vai até às tôrres duma igreja... E um rapazinho, que corre estouvadamente, vem de encontro às minhas pernas, e por pouco não caímos ambos.

A mãe precipita-se, a apresentar-me as suas desculpas. É alta, tôda vestida de preto; e, logo que se repõe da aflição sofrida, parece uma fidalga pelo aprumo, mas a voz branda, insinuante, desmente o orgulho.

É a primeira pessoa de Serpa com quem falo. E não poderei esquecer a sua cortezia, a sua primorosa afabilidade: deu-me vontade de ficar ali, sentado à soleira da porta, e pedir-lhe que me contasse a sua vida. Disse-me que tem só êste filho; e ela irá nos trinta anos... Quem é esta mulher?

E continuo subindo, e sonhando o romance, que surgiu, para a minha imaginação, num relâmpago dos seus olhos.

Arrabaldes de Serpa

Na Cruz Nova é a garagem das camionetas de carreira. Precisamente uma parte agora pela estrada que vai a Ficalho, e daí segue, pela Espanha dentro, até Sevilha.

Desço, para a esquerda, pelo caminho que poderá chamar-se da Circunvalação, pois se vê contornando a vila.

Nas bermas erguem-se algumas árvores: oliveiras, eucaliptos, amoreiras, robínias.

Pomares murados: nogueiras, figueiras, nespereiras, romanzeiras, e, sobretudo, larangeiras carregadas de fruto e flor.

Lindos pinheiros mansos, uma palmeira esbelta, e loureiros...

Trepo a um outeirinho, à direita, onde há uma pedreira. Sôbre os montões de brita, uma velhinha estende roupa, a enxugar.

Vê-se daqui que Serpa é uma grande povoação; um terço talvez alcança-se distintamente: alteia-se a Tôrre de Menagem, assinalam-se sombrios coruchéus de igreja, e a cúpula de vidro dos Paços do Concelho fere a retina de cintilações.

Desde a perspectiva do Castelo até à cercadura dos montes vão muitas léguas de trigais verdejantes; as colinas do norte, que correm mais próximas, estão tôdas cobertas de olivedo e montados.

Mais para cá, há um cêrro de arvoredo denso, de verdura luxuriante; depois, passada a estrada, forma-se, entre as elevações que se prolongam até o morro de Guadalupe e a vila, um fôsso esmeraldino de quilómetros de extensão.

Na raiz do outeiro onde me encontro, fica a igreja e o convento de Santo António, ocupado de novo por franciscanos; perto, o cemitério, com os seus fúnebres ciprestes.

Desço pela rua da Ladeira, á qual confluem ruelas, que entestam com os altos lanços da muralha, que cerca a Serpa antiga.

Vou andando de vagar, a fixar pormenores.

Quando me aparecem dois frades... E um dêles vem para mim sorridente, com as suas barbichas ralas. Abraçamo-nos, porque é, nem mais nem menos, um meu antigo discípulo, Faria, que teve um irmão poeta, que se matou, com 20 anos. Decerto a mesma vaga de precoce desilusão das vaidades do mundo atirou êste ao claustro; e, apesar de não ser católico, não posso deixar de impressionar-me com um tão alto desprendimento dos bens que lhe oferecia a vida, e que trocou pela humildade da sua cela.

Sôbre alguns telhados há vasos de craveiros; mas eis um em que florescem

NOSSA TERRA

no Baixo Alentejo

papoilas, espontâneamente, e tão bastas como numa seara!

Numa casa de primeiro andar e varanda, o que vejo? Duas dúzias de presuntos, suspensos da parede... Para os acabar de curar?

Deixo a estrada da Circunvalação.

E bem rara a rua ou largo que tenha letreiro; e, para saber a sua designação, tenho de ir preguntando.

O sr. António Lança, um rapaz novo, operário, com quem travo relações, diz

Conde de Ficalho

que a rua que seguimos é a das Brandas: nela entroncam várias outras, caindo para a estrada de Circunvalação; uma chama-se de Brás Carrasco... Tôdas as casas térreas e pequeninas: no Arrabalde, que é tôda a Serpa exterior à Cêrca, e deve contar por metade da população da vila, são poucas as habitações mais favorecidas.

Estamos em frente do Palácio dos Ficalhos. Ladeando-o, entramos no recinto do Castelo pela Porta Nova, que ostenta um brazão, e tem no seu cingimento uma pedra com inscrição árabe. Como viria ela aqui parar?

Paramos no largo, para o qual dão as traseiras do Palácio, vasta edificação do século XVII, inacabada; tem esta fachada onze portas sacadas no 1.º andar.

E, contemplando o solar quási abandonado, a figura do último Conde de Ficalho parece assomar no alto eirado, como sempre embevecido na païsagem tão querida ao seu coração.

Amava profundamente esta terra, e tudo o que se lhe ligasse. Possuindo no concelho treze herdades, com uma área de mais de sessenta quilómetros quadrados, passava aqui largas temporadas, em que o seu habitual vestuário era o mesmo dos seus abegões e maiorais.

Comprazia-se em hospedar, então, amigos íntimos; um dêles, Ramalho Ortigão, traçou, em imperecíveis páginas, as impressões da sua visita; outro, o Conde de Arnoso, tão seu parceiro em distinção fidalga, fixou o encanto da sua convivência como proprietário rural — de jaleca e cinta e chapéu serrano.

A memória do Conde de Ficalho ficará vinculada a Serpa, à qual votou enternecido carinho. Este homem, aparentemente frio, e que tomara como divisa — *não me sequem!* — não poupava os passos para a todos, mesmo aos naturais, inculcar, entusiàsticamente, as belezas arquitetónicas ou de païsagem, que amorosamente descobria. E, além do seu livro de contos, tão impregnado da voz da gente rude, da luz deslumbrante dêste céu e da cálida emanação dêste solo, escreveu na revista local — *A Tradição* — duas séries de artigos — *Notas históricas acêrca de Serpa* e *O elemento árabe na linguagem dos pastores* — que bem mereceriam ser recolhidos em volume.

Quem venha a Serpa não poderá deixar de recordar êste seu grande cidadão, com emoção e respeito.

*

* *

Vamos por uma travessa, que logo estaca ante as muralhas do Castelo Velho.

Um lanço, de três metros de espessura, foi como que convulsionado: parte ficou suspenso, unindo-se ao alto, sôbre a brecha, dois grandes blocos, e parte caiu, vendo-se em tôrno aglomerações de potente argamassa, na qual estão cravados fragmentos de pedraria lavrada. Nos blocos iminentes notam-se restos de silharia duma abóbada.

E é logo o Arco, que dá entrada para um grande recinto muralhado: encima-o um brazão com uma lápide.

Subimos à Tôrre de Menagem. Descobre-se tôda a vila, intra e extramuros.

Convento de Santo António, em Serpa

Da brancura do casario destacam-se, aqui e além, o perfil duma palmeira, o derrame dum pinheiro de Alepo, a solitária tôrre duma igreja ou o quadrilátero dum terraço...

A linha das fortificações, de alguns quilómetros, é um listão de negrume que prende a vista. Surgem evocações de guerra e de combate; e a última, de quando na guerra da Sucessão os espanhóis do duque de Ossuna quási demoliram o Castelo, com sugestão directa e patente.

A tôda a volta, à excepção do lado de Guadalupe, a que se encosta à vila, e que é o ponto mais alto do vizinho cêrro de S. Gens, se descobre um panorama prestigioso de vastas terras, sulcadas, em tôdas as direcções, por estradas de macadame: — ou mal definido o horizonte, perdendo-se para ocidente, além de Beja, que fica a trinta quilómetros, ou bem delimitado por montanhas e contrafortes: a norte, além do Guadiana, os altos de Portel, declinando a nordeste, para as bandas de Moura pelas colinas que se vão espraiando até Ficalho; depois de Ficalho, passante o Chança, as elevações longínquas que vão ligar-se à cordilheira mariânica; a sul adivinham-se as culminâncias que vão ao Algarve, até à serra de Alcaria.

Quando recolho a casa, já o crepúsculo enche de sombras a amplidão da planície desolada, e vai despregando pelo céu o velário nostálgico das Constelações.

Lopes d'Oliveira.

Vista parcial de Serpa e Tôrre de Menagem

FIGURAS E FACTOS

O ilustre jornalista brasileiro, dr. Arnon de Melo, autor de numerosos trabalhos de grande envergadura, escolhido agora pela Associação Brasileira da Imprensa para acompanhar o senhor general Carmona na sua viagem a Africa

De entre os artistas que expuseram no Salão Académico de Coímbra, destacaremos hoje o dr. Adolfo Faria de Castro que tem o segrêdo de fixar flagrantemente os costumes das nossas províncias. O quadro acima reproduzido traduz o pitoresco duma aldeia de Trás-os-Montes, tôda entregue ao encanto da olaria. Quem conhece a ativa província trasmontana, sente-a palpitar nos traços perfeitos do ilustre artista

Jesus e a Humanidade é o título dum livro piedoso que o seu autor, sr. J. Soares de Almeida, destina aos crentes e não crentes, visto apelar para a verdade e justiça.

Quando no ceu brilham estrêlas é o título dum livro de versos da poetisa sr.a D. Beatriz Machado que nos dá a verd deira poesia, tal como a sabemos entender.

Guedes de Amorim acaba de publicar mais um romance que intitulou *Aldeia das Águias*, destinado certamente a confirmar o mérito já reconhecido do seu autor

Allô! Allô! «Patrão Lopes!» é o novo livro de Mauricio de Oliveira, e foca, com a competência do seu autor, uma epopeia de salvamentos ou a historia de um navio popular.

Dois aspectos do «garden party» realizado nos jardins da Embaixada de Inglaterra. Foi uma festa elegantissima que reüniu algumas das primeiras figuras da nossa melhor sociedade e do mundo diplomático estrangeiro

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Na igreja de Santos-o-Velho, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Francisca de Paula de Meireles e Vasconcelos, gentilissima filha da sr.ª D. Sára Viana de Meireles de Vasconcelos e do sr. António de Meireles e Vasconcelos, com o sr. capitão de engenharia Manuel Teles da Costa Monteiro, filho da sr.ª D. Palmira Teles da Costa Monteiro e do sr. capitão Alfredo da Costa Monteiro, já falecido.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu pai e sua tia, sr.ª D. Alda de Macedo Pereira Coutinho, e por parte do noivo, sua mãi e seu tio, sr. general Casimiro Teles.

Foi celebrante o reverendo padre franciscano, Augusto de Araujo, acolitado pelo prior da freguezia reverendo monsenhor Fernandes Duarte.

Durante a cerimónia religiosa, no côro, um grupo de raparigas da Juventude Católica Feminina, cantou alguns números de música sacra.

A' entrada dos noivos na igreja ouviu-se o hino da J. S. C. F. e a marcha nupcial de Mendelson.

Terminada a cerimónia foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva aos numerosos convidados.

Na corbeilhe dos noivos notavam-se muitas e ricas prendas.

Os noivos fôram para a Quinta da Margem da Arada, propriedade dos tios da noiva senhora D. Alda de Macedo Pereira Coutinho e Vasco de Macedo Pereira Coutinho.

— Na paroquial igreja de Santa Izabel realizou-se o casamento da sr. D. Francisca Maria de Vasconcelos e Sousa, com o sr. Gonçalo Cristovão de Meyrelles Teixeira da Mota, capitão de engenharia.

Serviram de madrinhas as senhoras D. Maria do Carmo Rebelo de Andrade de Vasconcelos e Sousa e Marqueza de Santa Iria, respectivamente mãi e cunhada da noiva, e de padrinhos, os sr.s: Dr. Afonso Maria de Sousa e Menezes Teixeira da Mota e António Maria de Meyreles e Vasconcelos, respectivamente pai e tio do noivo.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguezia, proferindo uma brilhante alocução, dando aos noivos a Benção Papal.

Finda a cerimónia foi servido um fino lanche em casa da família da noiva, seguindo os noivos para Sintra e dali para o norte para casa dos pais do noivo.

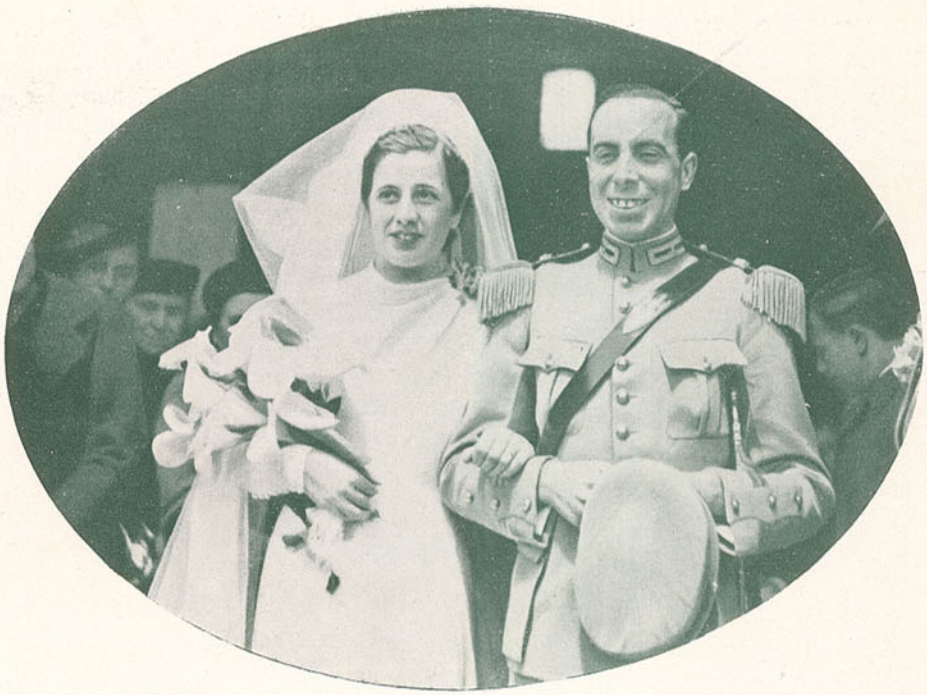
Aos noivos foram oferecidas ricas e lindas prendas.

— Pela sr.ª D. Maria Luisa Xara Martins Nogueira foi pedida para seu irmão José Xara Brasil, filho de Maria das Dores Xara Brasil e de José Xara Brasil, falecidos, a sr.ª D. Delfina Varela Assis Coelho, filha da sr.ª D. Delfina Varela Coelho e do sr. José d'Assis Coelho, já falecido.

O enlace realizar-se-há por todo ocorrente ano.

— Pela sr.ª D. Maria de Lourdes de Martins Montenegro Abrantes e pelo sr. Dr. Jaime Manuel Montenegro Abrantes, foi pedida em casamento para seu filho o engenheiro-agronomo, sr. Manuel Jorge Coutinho de Faria Abrantes e Melo Montenegro, a sr. D. Maria do Ceu Menezes de Castro Pereira, gentilíssima filha da sr. D. Celeste de Oliveira Menezes de Castro Pereira e do sr. juiz Julio de Almeida de Castro Pereira.

O casamento deve realizar-se ainda êste ano.



Casamento da sr.ª D. Francisca Maria de Vasconcelos e Souza com o capitão de engenharia sr. Gonçalo Teixeira da Mota

Casamento da sr.ª D. Maria Francisca de Meireles e Vasconcelos com o capitão de engenharia sr. Manuel da Costa Monteiro

— Na paroquial igreja da Estrêla, realizou-se o casamento da sr.ª D. Alice Cancela Infante de La-Cerda, gentil filha da sr.ª D. Laura Rebelo Cancela Infante de La-Cerda e do sr. Camilo Magalhães Coutinho Infante de La-Cerda, com o sr. Alexandre José Pinto Bastos Ribeiro da Cunha, filho da sr.ª D. Vera Ferreira Pinto Basto Ribeiro da Cunha e do sr. dr. José Castel'Branco Ribeiro da Cunha.

Foi celebrante monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução aos noivos.

A cerimónia serviram de madrinhas da noiva a sr.ª D. Laura Pereira Palha Infante de La-Cerda e D. Maria Cancela Emidio da Silva, e de padrinhos do noivo os srs.: almirante António Jervis de Atouguia Pinto Basto e José António Pinto Basto Ribeiro da Cunha, respectivamente avô e irmão do noivo.

Aos noivos fôram oferecidas ricas e lindas prendas.

Nascimentos

Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Emília Coelho Soares, esposa do sr. A. Soares.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr. D. Vera de Saldanha Oliveira e Sousa, esposa do sr. engenheiro D. Luiz Saldanha de Oliveira e Sousa.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Proficientemente assistida pelos sr.s dr.s Joaquim Fontes e D. Pedro da Cunha teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Silva Loureiro, esposa do sr. dr. Manuel Rodrigues Loureiro.

Mãi e filha encontram se agora felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria do Ceu Pereira Fernandes Marinho, esposa do sr. Henrique Pascoal Marinho.

Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Alba Anselmo Barros de Castro, esposa do nosso colaborador sr. dr. Manuel Anselmo, adido de ligação no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Realizou-se há dias o baptizado da gentil filhinha da sr. D. Maria da Conceição Macieira Boneville Nesbitt e do sr. Henry Demont Nesbitt.

Serviu de madrinha a sr. D. Filomena Borges Lamarão Vieira da Rocha, espôsa do sr. general Vieira da Rocha, e de padrinho o tio materno sr. Miguel de Vasconcelos Porto, tendo a criança recebido o nome de Maria Teresa.

A QUINZENA DESPORTIVA

Um correctíssimo salto de plinto executado por um gimnasta da classe do Lisboa Ginásio Clube que se exibiu com notável brilhantismo no festival promovido pela Liga de Algés

Pela segunda vez as festas anuais da Mocidade Portuguesa puzeram em foco a importância da obra de educação física que, por intermédio daquela patriótica organização, se está exercendo em todo o País sôbre os elementos das novas gerações.

O programa deste ano incluiu muito maior variedade de competições desportivas, basket-ball, volley-ball, tennis, remo, esgrima, e ainda um certame de gimnástica em classe com esquema obrigatório, cuja classificação obedecia portanto apenas ao julgamento da maior ou menor correcção dos executantes.

O acontecimento predominante de todo o programa foi, porém, o festival de encerramento celebrado no campo do Jockey; durante horas consecutivas assistiu-se aos mais variados exercícios gimnásticos, desde uma primorosa exibição do grupo de rapazes selecionados para representar Portugal nas festividades comemorativas do centenário de Ling, que a Suécia promove no mês próximo, até à visão imponente de 4000 crianças executando em conjunto um esquema de lição cujos exercícios haviam sido escolhidos com inteligência e que elas desempenharam com aprumo e perfeição.

São estas festas em que participam, em campo aberto, grandes massas de gente, que melhor fazem compreender o valor da evolução que está transformando a mentalidade portuguesa.

Muitos milhares de rapazes se reüniram no dia 28 de Maio no Campo Grande, exuberantes de vida, alegria e entusiasmo, briosamente convencidos da importância do papel que desempenhavam e do exemplo que representavam, a testemunhar a vitória da íntima revolução exercida na pacata e resguardada vida nacional; e para completar o significado da jornada, mais alguns milhares de raparigas da «Mocidade Feminina» encheram longas tribunas descobertas, enfeitando-as com seu frescor e graça, aclamando animadamente os grupos executantes e expondo-se com o mesmo desprendimento à carícia, nêsse dia bastante quente, do sol.

Neste breve comentário de apreciação geral, gerais deveriam ser também as referências ao assunto, mas é imprescindível pôr em realce o merecimento do trabalho apresentado pelo professor tenente Celestino Marques Pereira com a classe seleccionada a que atraz aludimos. O conjunto de exercícios apresentados, dentro das normas características do método dinamarquês, constituiu quanto a nós a mais difícil e vistosa exibição gimnástica executada até hoje por gimnastas portugueses.

A visão arrebatadora dos movimentos de conjunto em que, como um só, quatro mil rapazes agiam na mais perfeita harmonia e com irrepreensível disciplina, foi a outra faceta inolvidável do espectáculo oferecido ao público de Lisboa pelos dirigentes da Mocidade Portuguesa.

No entanto, para os espíritos analisadores, a impressão mais lisonjeira, a única verdadeiramente emocionante, não proveio afinal deste ou daquele elemento do programa, mas sim e como já dissemos, do ambiente saudável da festa, da mentalidade nova que se adivinhava em todos aqueles indivíduos, a desabrochar para a vida com noção diversa e mais exacta das suas obrigações e responsabilidades, cientes da nobreza da disciplina livremente aceite e caprichosos no cumprimento rigoroso das incumbências recebidas.

A festa da Mocidade Portuguesa no campo do Jockey Clube, autêntico balanço público das energias nascentes da raça foi pela segunda vez a mais eloqüente demonstração da enorme distância que separa, por avanço progressivo, a camada de ámanhã da camada social de ontem. A diferença foi provada até nos princípios da orientação educativa; a influência da acção da Mocidade Portuguesa veio trazer aos rapazes e às raparigas a rajada salutar de arejamento e o trabalho físico necessários para os libertar da cultura exclusivamente livresca onde asfixiavam, aliando os cuidados pelo corpo aos cuidados do espírito.

A tarde desse domingo de comemoração festiva, trouxe a todos os portugueses que pensam com interêsse no futuro da sua Pátria, a mais reconfortante garantia de vitalidade moça, de energia renascente, de preciosa saúde colectiva.

★

Existem em Lisboa dois clubes especialmente consagrados à prática da gimnástica, ambos ricos de tradições e com larga folha de serviços prestados à propaganda e ensino da educação física e suas aplicações.

As festas e saraus por qualquer dêles organizados constituem sempre excelentes factores de apreciação do ritmo evolutivo dos métodos pedagógicos e representam, na escassa actividade do meio, os mais seguros elementos de divulgação no espírito público dos processos gimnásticos modernos.

Por todos os motivos, até os de interêsse próprio das duas agremiações, pareceria que deviam trabalhar em acôrdo permanente que lhes assegurasse o máximo aproveitamento das suas iniciativas e, também, a mais fecunda acção nos objectivos de propaganda cultural dos quais fizeram a razão de ser da sua existência. Os factos mostram que, infelizmente, assim não sucede pois aconteceu, paradoxalmente, que estes clubes realizaram há uma quinzena importantes festivais gimnásticos e escolheram para tal a mesma noite, coincidência incompreensível quando todas as restantes de muitas semanas em redor estavam livres de qualquer acontecimento marcante.

Em tais condições, o público afecto a estes espectáculos de pura cultura física, dividiu-se ao sabor das suas preferências, a assistência a qualquer dos saraus foi menor do que poderia ter sido, e os benefícios de propaganda reduzidos de metade.

A festa que o Lisboa Ginásio Clube organizou no Palácio das Exposições, em homenagem ao Govêrno pela criação do Instituto Nacional de Educação Física foi, sem dúvida, a de mais elevada significação, pondo em foco o valor da obra educativa da colectividade que a dedicação e competência dos seus dirigentes e professores guindaram ao primeiro plano da vanguarda e cujo progresso e desenvolvimento interessa ao País, como garantia de segurança futura do valor físico da raça.

A apresentação das diversas classes de crianças, adolescentes, senhoras e homens foi um atestado iniludível do mais científico critério pedagógico, aplicado em cada categoria de alunos na conformidade com os seus recursos fisiológicos e visando as necessidades características de cada uma.

O festival promovido pela revista *Eva* em colaboração com o Ginásio Clube Português e destinado exclusivamente à exibição variada de classes e exercícios femininos, e a que não podemos assistir por falta do dom sobrehumano da ubiqüidade, decorreu também, segundo a crítica, com notável brilhantismo, o que a ninguém deve admirar sabendo-se o escrupuloso cuidado que a prestigiosa agremiação que nele desempenhou a parte activa põe em tôdas as suas demonstrações públicas.

Houve, porém, o propósito de transformar essa festa num testemunho de superioridade de determinado método de ensino, cuja apologia se fez com argumentação unilateral, mas que, por ausência de confronto e pouca profundidade de conhecimentos, convenceu críticos que consideraram apanágio exclusivo do sistema apresentado o que é virtude comum a todos os métodos educativos, com a vantagem nalguns outros de efeitos correctivos melhor determinados. E tanto assim é que as classes educativas apresentadas pelo actual professor do Gimnásio, a cujo merecimento prestamos inteira justiça e em volta do qual se desenvolveu polémica que traduz apenas a mesquinhez do meio nacional, se assemelham por nítidas tendências às classes dirigidas em concordância com os preceitos da gimnástica feminina sueca ou finlandesa.

★

O handball, uma das variedades de jogos desportivos em campo que maior incremento tem tomado nos principais centros do País, esteve na quinzena em plano de destaque na actividade nacional.

Por duas vezes as selecções do Pôrto e de Lisboa se defrontaram, cada vez em sua cidade, e um outro grupo selecionado da capital foi ainda de longada a Coimbra bater-se contra os jogadores locais.

Sem conceder aos resultados verificados importância demasiada, queremos sobretudo referir neste breve comentário a boa classe de jôgo exibido em todos os encontros, certificado de notáveis progressos, que já são dignos da simpatia e apoio dos públicos desportivos.

No Pôrto assim sucede, e o jôgo realizado nessa cidade decorreu perante assistência numerosíssima, entusiástica, que não regateou incitamentos e levou a sua equipa à vitória.

Em contrapartida, o público desportivo lisboeta encarou com indiferença a partida, presenciada por escassas centenas de pessoas e nem sequer compensou os encargos financeiros que a entidade dirigente assumira.

Salazar Carreira.

Um dos mais interessantes exercícios de classe de gimnástica da Mocidade Portuguesa que o professor Marques Pereira apresentou com enorme êxito no festival de encerramento do I Congresso

As atletas do Sporting vencedoras de campeonatos na época passada, recebendo os seus prémios no decurso da sessão comemorativa do aniversário do clube

As equipas de handball do Sporting e do F. C. do Pôrto, ambos campeões nesta época e que serviram de base às respectivas selecções regionais cujos encontros foram há pouco disputados

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick, língua; Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; Moreno; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 31

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 19)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Siulno, Nuninho, Castela e Dado.

QUADRO DE MÉRITO

Aço, Alguém, Bíscaro, D. Pericles, Erbelo, Eusapesca, Meio-Kilo, Morenita, Papa-Almudes, Copofónico, X 8, X-9, Ti-Beado e Dr. Sicascar — 16. Francisco J. Courelas, Sevla, Ramou Lácrimas, Sol de Inverno e Mirna — 13. Agasio, J. Tavares, Cigano, Dama Negra, Calaveras, Diriso e Tarata — 10. Anjo das Serras, Visconde X Neptuno, Aristofanes e D. O. X — 8. Um Misterioso — 13.

DECIFRAÇÕES

1 — Arregoa. 2 — Pneumático. 3 — Verso. 4 — Malsim. 5 — Perdita. 6 — Afeição. 7 — Afronta. 8 — Perdidamente 9 — Ostrogodos. 10 — Realidade. 11 — Valado. 12 — Tanganhão. 13 — Pa(ta)ca. 14 — Agi(gan)tado. 15 — An(da)dor. 16 — Ca(ti)vo. 17 — Pa(de)ço. 18 — Ca'va)lo. 19 — Em Março queima a velha o maço.

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

Castela, Dado, Francisco J. Courelas, Nuninho, Siulno, Sevla, Ti-Beado e Um Misterioso.

DECIFRAÇÕES

HORIZONTAIS: 1 — Generosidade. 9 — Almas. 10 — Revindita. 11 — Rescaldo. 12 — Marota. 13 — Apertado. 15 — Dilema. 18 — Celibe. 19 — Ganancia. 21 — Camilo. 23 — Atamanco. 26 — Toleraram. 27 — Terra. 28 — Reconstituir.

VERTICAIS: 1 — Gomes Leal. 2 — Nesga. 3 — Raridade. 4 — Levo. 5 — Dançarina. 6 — Doido. 7 — Pátria. 8 — Maracá. 14 — Tabelário. 16 — Encontrar. 17 — Lastimai. 18 — Cacete. 20 — Amolar. 22 — Multe. 24 — Matou. 25 — Etos.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 40

PRÉMIOS

Os prémios referentes aos decifradores de palavras cruzadas serão sempre regulados pela lotaria a seguir à data da publicação dos resultados a quem diz respeito o problema.

CONCURSOS TRIMESTRAIS

Publicamos a seguir o parecer do juís, nosso distinto confrade e amigo «Olegna», àcerca dos trabalhos insertos, no 1.º trimestre do presente ano, nesta secção.

«Ex.mo Confrade «Ordisi»

Anuindo ao seu amável convite, analisei, cuidadosamente, todos os trabalhos charadísticos dos n.os 29 a 34 e achei dignos de ser premiados os seguintes:

Logogrifos: 1.º prémio ao n.º 3 do Desp. n.º 32 (Sileno). 2.º prémio ao n.º 1 do Desp. n.º 34 (Magnate).

Outros trabalhos em verso: 1.º prémio ao n.º 2 do Desp. n.º 34 (Barão Y). 2.º prémio ao n.º 1 do Desp. n.º 33 (Sileno).

Trabalhos em prosa: 1.º prémio ao n.º 7 do Desp. n.º 30 (Rosa Negra); 2.º prémio ao n.º 7 do Desp. n.º 31 (Mirones); 3.º prémio ao n.º 10 do Desp. n.º 30 (Alguém). Aos premiados os meus parabens e aos não premiados um grande abraço de leal camaradagem».

Sou confrade e amigo

a) *Angelo de Menezes «Olegna»*

Por indicação do nosso confrade «Barão Y» foi premiado o enigma n.º 3 do Desp. n.º 30 da autoria de «Siulno». A êste prémio nos referimos atrazadamente.

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

1) Começo por não saber
O arranjo que hei-de dar
Ao enredo dêste enigma,
Para não me atrapalhar.
Se começo por um termo
E depois um outro oposto,
Vou complicar o entrecho,
Causar maçada e desgosto.

Se começo duma forma
E depois para remate,
Mudo o geito aos dados todos,
É maior o disparate.

Deixo tudo como está,
Não tenho caco para isto.
O trabalhinho está *fraco?*
Deixa-lo, mas não insisto.

Algés *Marcolim*

2) Só com duas letrinhas,
e ambas consoantes,
banquete amistoso
terão... dos confortantes.

Luanda *Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)*

LOGOGRIFO

CRUZ DE CRISTO

3) Símbolo de fé do povo lusitano,
Condensa em si um *mundo* de beleza, — 4-2-6-6 5
Como sinal do génio sobrehumano,
E do valor da Gente Portuguesa!

Quatro braços erectos, aprumados —
Os *Pontos* Cardiais da devoção! — 1-7-4-7-8-1
Onde sempre brilharam, afamados,
O valor e nobreza em comunhão!

A Cruz de Cristo! A Cruz da nossa fé,
Cruz divinal, que ficará na História!
A Cruz de Cristo! A Cruz que *ponho* ao pé — 5
[6-6-7-1-3-8
Dêsse altar do triunfo, da Luz e Glória!

Pórtico *lindo*, onde se espalha a flux, — 5-7-6-8-1-8
A maior fé que teve a humana gente!
Cruz de Cristo ideal! Tu és a Cruz
Do nosso Portugal, herói e *crente!*

Lisboa *Lérias (F. L.)*

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

4) Foi numa noite horrenda, escura e fria,
Que eu vi a claridade a uma ideia...
Noite em que tudo vi... o que não via,
Noite serena e atroz — noite d'aldeia...

Hoje — ela — a minha vida me incendeia!...
Quem dera ter-te visto só de dia...
Se me deste um amor que só te enleia,
Eu dei-te uma afeição que não sentia!

Tenta quebrar o encanto ao Sentimento... — 2
Depois dêsse momento — outro momento,
Virá, talvez, sorrir dessa saüdade...

Através dêle, então, co'a alma em flor, — 2
Voa, feliz, para o país do amor,
Tal qual um passarinho em liberdade!...

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS ADITIVAS (Novíssimas)

5) Se se *ponderar* bem uma acção, antes de a praticar, evitar-se-á, muitas vezes, o *remorso* dum acto de *inexperiência*. 1-1.

Luanda *Enigmático (T. E.)*

(Para o dr. «Sicascar»)

6) O príncipe *real* é duma *impertinência pueril* quando vê um lindo *rosto*. 2-2.

Luanda *Um Misterioso*

7) O garoto do meu vizinho vai de *abraço* em *abraço* a *urinar* os que o abraçam.

Luanda *Soiof*

SINCOPADAS

(A todos os confrades das lides edipistas)

8) Unam-se os charadistas num *laço* fraternal, para que o charadismo se *aperfeiçoe*. 3-2.

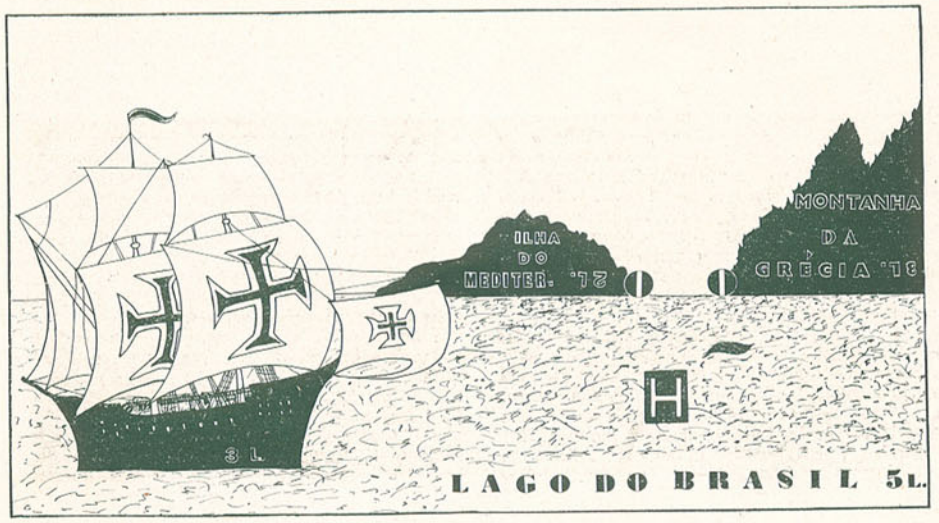
Albergaria-a-Velha *Olegna (L. A. C.)*

9) Quando se *nutre* amor por uma pessoa o coração trabalha e a razão *pára*. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C. — T. E.)*

10) GEROGLIFO SIMPLES

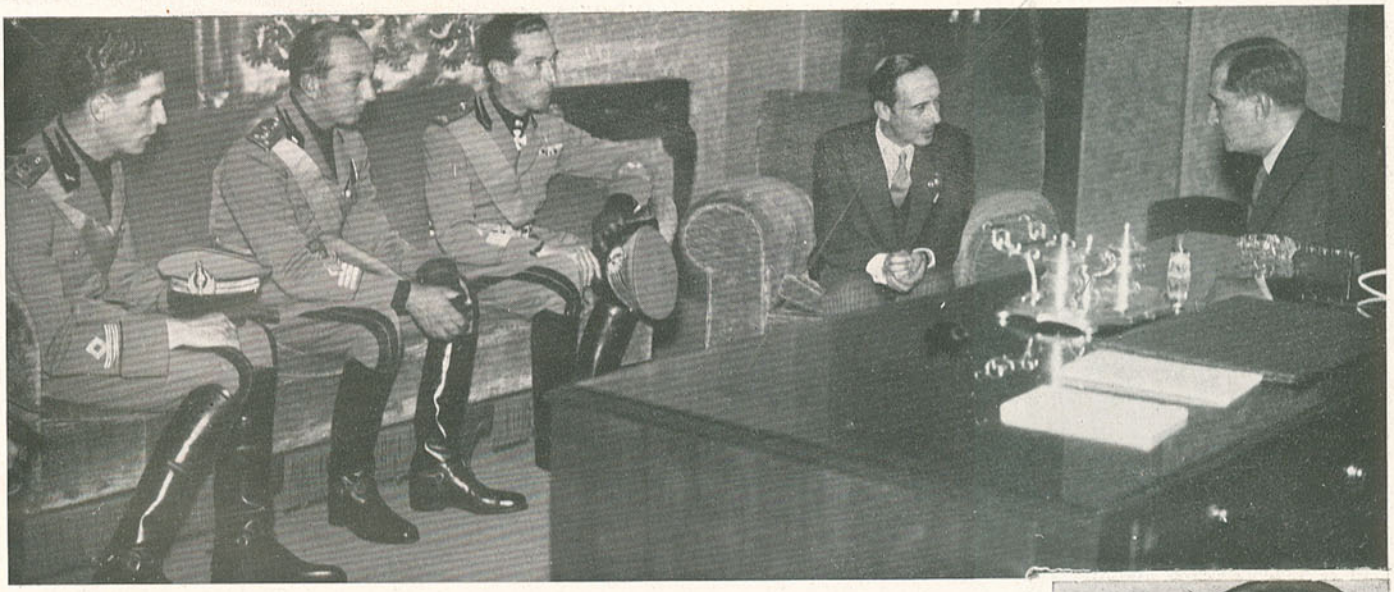
(Enigma figurado)



Lisboa *Matina*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

NOTAS DA QUINZENA



O sr. Presidente do Conselho com o sr. Ministro da Itália e os cavaleiros italianos que tomaram parte no Concurso Hípico Internacional de Lisboa

Um aspecto da entusiástica manifestação feita à chegada do Chefe do Estado a Montemor-o-Novo onde foi inaugurar uma escola de pilotagem e um campo de aviões

O adido naval francês, comandante La Forest D'Ivonne na sua visita à Liga dos Combatentes da Grande Guerra.
A' direita: Os aviadores que estão realizando a carreira aérea italiana de Roma à América do Sul, na Legação de Itália, onde lhes foi oferecido um banquete

FALA-SE *muito agora em direitos mas poucas referências vemos fazer a deveres.*

«Não há direito» é uma frase que se ouve a tôda a gente, mas «é um dever», é frase que poucas vezes se pronuncia e, no entanto se todos temos direitos, é inegável que também temos deveres, e, deveres sagrados muitas vezes, que nem todos cumprem.

Temos deveres uns para com os outros na vida social, que nos põe em contacto, mas temos sobretudo deveres dentro da família, que não podemos esquecer nem pôr de parte.

A família tende a perder êsse aspecto de união, que a tornava tão forte dentro da sociedade. A família era um bloco apertado pelos laços do afecto e pela compreensão dos deveres, que o usar o mesmo nome ou sentir correr nas veias o mesmo sangue impunham.

Hoje é freqüente ver membros da mesma família, quási se não conhecerem e fazerem uma vida individual, quási sem saber uns dos outros.

Os pais que devem a assistência do afecto e assistência material e moral aos filhos, tratam dos seus negócios, dos seus divertimentos, e, lançam para a vida os filhos, sem os acompanhar com os seus conselhos, com o exemplo dos seus sacrifícios e da sua ternura, quási se não vêem, e, quando não é pior e em vez do pai ser um conselheiro respeitado, é apenas um companheiro de divertimentos, nem sempre recomendáveis, e, tem muitas vezes menos juízo do que o próprio filho.

Há quem diga que assim há mais confiança entre os pais e os filhos e mais afecto. Não é bem assim, para estimar é preciso respeitar e não podemos estimar aqueles, que por uma vida leviana não impõem o respeito.

Mães há que se tornam rivais das filhas, querendo lutar em elegância e juventude com elas, e, que empregando para isso todos os artifícios ficam radiantes, quando lhes dizem, muitas vezes numa falsa lisonja, que parecem irmãs das filhas.

A mãe nunca deve querer parecer irmã, mas manter-se nesse papel que a Providência lhe destinou de guia e conselheira, moldadora de almas, o que se não consegue com artificialismos ridículos e rivalidades de elegância.

Que respeito e ternura não infunde a mãe que se mantém no seu lugar que se impõe pela sua dignidade e bom senso, e, junto da qual as filhas têm a certeza de encontrar um apoio moral e um conselho seguro. E quando se perde uma mãe assim a sua memória não esquece e é na vida uma companheira de todos os momentos.

Mas se os pais têm deveres, os filhos não os têm menores e é para lamentar certos espectáculos que a sociedade nos apresenta da indiferença e pouco respeito pelos que lhes deram o ser.

Filhos que ao verem seus pais velhos e doentes têm um único pensamento, interná-los em qualquer parte para não ter trabalho com êles, encarregar mercenários de cuidar dos velhinhos, sem pensar que embora paguem muito bem êsses serviços, não poderão os estranhos ter a paciência, que as suas rabujices produzidas pela doença ou pela idade requerem, paciência que êles não tiveram.

Os velhos e os doentes são um encargo em que se não vê um dever mas sim uma maçada, e não se lembram êsses filhos, que mais tarde serão pais, se já o não são, e que os anos passam depressa, muito depressa mesmo, e encontrarão mais tarde a mesma indiferença se não uma maior crueldade.

A vida corre tão depressa que mesmo aqueles que ainda não são muito velhos, têm visto dêsses exemplos flagrantes, dessa justiça, que os próprios filhos fazem áqueles que não souberam ou não quizeram ser bons filhos, e, que vêem repetir na sua vida aquilo que fizeram aos que alquebrados pela idade ou pelos desgostos tinham o direito de esperar amparo, da sua amizade e respeito pela sua qualidade de pais.

Torna-se necessário que todos se convençam que na vida não há só direitos, há também deveres e êsses temos de os cumprir tanto para os que no berço os exigem pela sua fragilidade, como também para os que pela idade ou doença são igualmente frágeis e a quem só o túmulo espera.

E não é exigindo direitos que se vive feliz e com a consciência tranqüila, mas sim cumprindo deveres.

MARIA DE EÇA.

A MODA

HOJE a nossa página de modas não é dedicada às mães, mas sim às filhas, às pequeninas elegantes, que seguirão a tradição da sua mamã em elegância e «chic», e que desde os mais tenros anos afirmam a sua graça pessoal.

Para as mães nada mais enternecedor do que ver a elegância das suas filhinhas e certamente renunciarão com prazer, à descrição da moda desta quinzena para se informarem do que tornará elegantes as suas pequeninas.

Em Paris há tanto a preocupação da elegância nas crianças, que há casas que se ocupam apenas da elegância infantil e nessas casas há como nas grandes casas de alta costura, pequeninos manequins, que lançam a moda.

Entre êsses manequins salienta-se uma pequenina pela graça das suas atitudes e pela alegria com que usa as «toilettes» que irão embelezar outras pequeninas.

Claudine Guibert a pequenina manequim tem seis anos de idade e a graça duma «coquette» que é feliz de se ver «chic».

Apresentamos hoje três lindos modelos a que a pequenina Claudine dá toda a graça e encanto.

Num dêles a graciosa criança mostra-nos um vestido de tarde em «tussor» côr de rosa. Muito simples, êsse vestidinho tem apenas como guarnição o «empieciement» e as mangas tôdas pespontadas em graciosos desenhos. Como calçado tem meias brancas «catelées» e sapatos de pelica branca.

Êste vestido é um modêlo Bilioque-Deeré como todos os que ela apresenta pois é manequim desta casa.

A outra «toilette» em que está uma verdadeira boneca é muito elegante para um cortejo de casamento. E' em crepe da China azul peruínea e cobre os seus pequeninos pés. O corpetinho é formado por pequenos machos cosidos até à cintura um pouco curta, onde prendem com uns rolinhos da mesma seda; a saia é formada por machos que alargam em baixo e que são apenas batidos a ferro.

As manguinhas são também formadas por malhas presas em baixo e em cima de maneira a formar um gracioso balãozinho. Gola da mesma seda muito simples, aberta na frente.

E' um amor de modelo que fará a qualquer pequenita, uma deliciosa «toilette» de «demoiselle d'honneur» e embelezará um cortejo de casamento.

Para uma «matinée» dansante Claudine usa um amor de vestido comprido e rodado que lhe dá o aspecto duma menina doutra época e que a faz encantadora.

E' um vestido em «organza» branca, guarnecido todo a entremeios de finíssima renda Valenciennes. A saia muito ampla tem a amparal-a um fôrro em «taffetas» branco que afasta e dá êsse aspecto de balão magestoso. O corpetinho também guarnecido a renda é franzido na golinha e na cintura. As manguinhas de balão são apertadas com laços azul sulfato, de fita igual à da «cocarde» que guarnece a cintura.

E' um amor de vestido que dá à pequenina manequim, um aspecto de senhora em miniatura, graciosíssimo.

Para uma bébé de três anos temos um casaquinho em fazenda azul pálido, indispensável para acompanhar os vestidinhos frescos nestas tardes ventosas, que põe em risco a delicada saude das bébés. Acompanha-o um chapelinho em «taffetas» pespontado, da mesma côr do casaco.

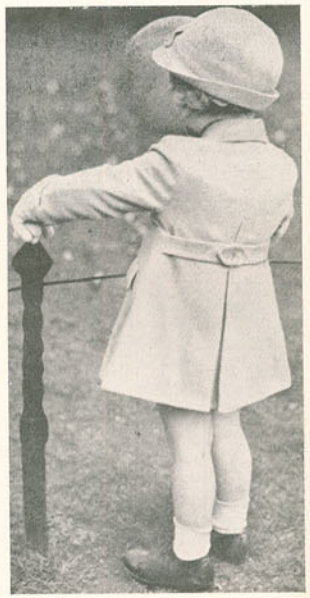
Mas não esqueçamos essa idade ingrata dos doze aos catorze anos, em que as rapariguinhas deixam de ser as graciosas bonequinhas e não são ainda as meninas elegantes.

Para essas, para o uso diário temos uma saia às riscas em pregas e uma «chaudaille» em lã finíssima, azul pálido, de manga curta. O chapeu é em feltro finíssimo azul e os sapatos em camurça azul escura. Como o fundo da saia são guarnecidos a branco.

UMA INVENÇÃO ITALIANA

NOVOS horisontes se abrem á cinematografia segundo uma aplicação inventada por um italiano, o qual conseguiu concretisar a acção sincrónica do som, com a das côres, cujas leis de harmonia ficariam inalteráveis.

A sincromofonia, assim se chamará a invenção italiana teria em conta estas leis fundamentais, distinguindo-se assim de tentativas análogas feitas noutros países.



PÁGINAS FEMININAS

A escala fónica dos meios tons musicais é equiparada por meios matemáticos e científicos á escala cromática das côres — as vibrações luminosas estão como é notório em harmonia com as vibrações sonoras — e assim se adaptam aos oitenta e quatro meios tons das sete oitavas, que compõem a referida escala fónica, fazendo com outras tantas côres, uma perfeita e graduada harmonia de tons e de sons.

A solução dêste problema tratará uma modificação completa ao cinema. O ritmo musical nas-

cerá no «écran», como nos documentários nasce uma flor, para dar lugar ao sucessivo ritmo que criará outra forma.

Por outras palavras; tôda a música poderá ser segundo esta invenção traduzida em côr e forma. E que deliciosos filmes se farão com êste artístico sentido.

FALAR MUITO

A Mulher tem sido acusada sempre, de falar muito, de falar de mais. E' talvez assim. A mulher fala muito, mas segundo Bernardin de Saint-Pierre, o autor dêsse magnífico livro «Harmonias da Natureza», êsse defeito de que se carrega a mulher é uma qualidade.

Diz o grande escritor, que se as mulheres não falassem tanto e não tivessem de nascença essa tendência, as crianças que nos primeiros anos quási só convivem com as suas mãis, que são para elas as mestras de tudo, não aprenderiam a falar com tanta facilidade.

Assim a loquacidade materna é uma escola para a criança, que adquire ràpidamente o hábito de falar e um vasto vocabulário.

Alem disso se a mulher não falasse, fôsse taciturna, quem daria ao mundo, a alegria que tão necessária lhe é e sem a futil conversa feminina que toca em pequenos nadas, que triste seria a vida do homem falando só em coisas sérias e profundas e não abandonando nunca preocupações graves.

HIGIENE E BELEZA

Algumas senhoras, queixam-se de que as composições, que se deitam no banho e que o tornam tão agradável à pele amaciando-a e contribuindo muito para uma boa saúde, estão caríssimos, principalmente os estrangeiros, que o snobismo aconselha sempre a preferir, embora não haja razão para isso, porque já temos preparados nacionais muito bons.

As senhoras que gostam de preparar um banho económico podem fazê-lo adquirindo os seguintes produtos que se misturam e preparam uma série de agradabilissimos banhos, sem grande despeza.

Carbonato de sóda 250 gramas. Fosfato de sóda 10 gramas. Sulfato de sóda 5 gramas. Borato de sóda 5 gramas. Cloruro de sóda 50 gramas. Iodureto de potassa 1 grama. Sulfato de ferro 1 grama. Oleo volatil de romero 10 gramas. Oleo de alfazema 5 gramas. Oleo de loureiro 5 gramas.

Mistura-se tudo muito bem e deita-se uma colher das de sopa, no banho, e temos um delicioso e económico banho.

RECEITAS DE COZINHA

Lagosta recheada. — Coze-se a lagosta e tira-se a carne só do meio, de maneira a não desmanchar. Faz-se um refogado com uma colher de manteiga e outra de banha e uma cebola picada miuda; quando está loiro, deitam-se-lhe dois tomates grandes e deixa-se ferver bem. Faz-se um pouco de môlho branco, bem grosso, passa-se o refogado e junta-se ao môlho, adicionando duas gêmas de ôvo, sal, pimenta, uma colher de queijo parmesão ralado, uma colher de vinho do Pôrto, um bocadinho de presunto muito picado e a lagôsta aos bocados.

Enche-se com êste recheio a lagosta e polvilha-se com pão ralado. Vai ao forno a côrar. Fritam-se uns bocados de pão que servem para amparar a lagôsta na travessa e, em volta, põe-se alface cortada em fios muito finos.

Manjar celeste. — A meio quilo de açucar em ponto de fio, juntam-se 250 gramas de miôlo de pão, depois de desfeito em água e passado por uma peneira de cabelo, e 4 gêmas de ovos.

Liga-se tudo muito bem e leva-se ao lume a enxugar. Deita-se numa travessa, polvilha-se com canela e serve-se frio.

MULHERES DE ARTISTAS

É bem interessante notar a influência que a mulher tem na vida dum artista. Conhece-se na sua obra, qual a mulher ou mulheres, que passaram na sua vida e a obra de aquele que encontrou uma mulher de alma superior é sempre uma obra elevada, e, que derrama luz à sua volta.

Emile Verhacreu, o grande poeta belga, mais uma vez prova esta verdade. Sua mulher Marta Massin Verhacreu, consagrou tôda a sua vida ao poeta. Muito culta, pintora muito artista, dedicou tôda a sua vida ao poeta, e pôz de parte tôdas as aspirações que podia ter duma vida de glória pessoal.

Tôda a sua personalidade artística e intelectual foi dedicada ao homem, que era o seu amor e o companheiro da sua vida, o marido que compreendeu o grande dom de si própria que ela lhe fizera.

Testemunha-o a sua «Trilogia das horas» onde se confunde o sentimento do amor, com a mulher que o inspirou.

Nessa obra encantadora êle diz-lhe: — «Vim tão tarde para a doçura do teu olhar, e de tão longe para as tuas mãos estendidas» e também «sem fé e velho, cansado de percorrer um tão longo caminho, não merecia a maravilhosa alegria de ver teus olhos, iluminar a minha estrada».

É bem merecida esta homenagem do grande artista à sua fiel companheira, que continuou o seu culto, após a morte, atrás do marido num acidente de caminho de ferro, e ainda depois da destruição da sua casa, a «Ermitage» quando da invasão alemã.

Vivia do passado e da obra do poeta, fazendo tudo para exaltar a sua memória. A paralísia prendeu-a ao leito e ali ela esperou para morrer, a certeza da imperecível glória do artista desaparecido. Quando a Bélgica prestou a homenagem pòstuma ao talento do pocta, homenagem feita pelos seus inumeros admiradores, pregada no seu leito de dôr ouviu-a pelo rádio e dias depois morria tranquila. O seu poeta não seria esquecido, a Pátria orgulhava-se de o ter por filho. E é assim que uma mulher demonstra o seu saber pessoal.

DE MULHER PARA MULHER

Prudente. — E' muito difícil aconselhar uma senhora nas suas condições. A uma rapariga inexperiente é fácil dar um conselho, mas V. Ex.ª tem a experiencia da vida necessária para saber o que há-de resolver.

E' sempre para os filhos um desgosto ver a mãe tornar a casar, principalmente quando ela foi tão feliz com o seu pai, que já não existe. E' um sintoma de esquecimento, que o seu amor filial não perdôa. Mas ainda nova, embora já não o seja tanto, que não sinta fôrças para se dedicar apenas ao amor dos seus filhos, a si é que convém pensar maduramente no que lhe deve ser melhor. Mas se foi assim tão feliz, não torne a casar. E' raro a felicidade repetir-se no casamento.

Alda. — Felicito-a porque vai fazer a mais linda viagem. Tem razão; não se carregue de malas. Uma «valise» com o indispensável, e uma pequena maleta para quando quizer deixar a bagagem na «consigné» das estações, poder levar o que é necessário. Uma chapeleira e basta. Muita filosofia, para os pequenos contratempos que há sempre e um espírito aberto a tôdas as belezas sem a preocupação das comparações, e divirta-se.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A, R. 2
Copas — R.
Ouros — A. 4, 3
Paus — — — —

Espadas — 3	**N**	Espadas — — — —
Copas — D. 3, 2	**O** **E**	Copas — 10, 9, 8
Ouros — — — —		Ouros — R. D.
Paus — A. 3, 2	**S**	Paus — D. V.

Espadas — 4
Copas — A. V. 4
Ouros — 2
Paus — R. 4

Trunfo espadas. **S** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução)

S joga 8 *c*, **O** — 9 *c*, **N** — 10 *c*, **E** — 3 *c* . *(A)*.
N » A *e*, **E** — V. *e*, **S** — 2 *c*, **O** — 4 *e*.
N » 2 *o*, **E** — R *e*, **S** — R *o*, **O** — V. *o* . . *(a)*.
S » A *o*, **O** — D *o*, **N** — 5 *c*, **E** qualquer carta.

S joga 2 *p*, **O** — R *p* e é obrigado a jogar espadas.

(a) Se quando **N** joga 2 *o*, **E** — 4 *c*, **S** — R *o*, **O** — V. *o*, *(b)*.
S joga A *o*, **O** — D *o*, **N** — 5 *c*, **E** — qualquer carta que jogue, abona 2 vasas a **S** e **N**.

(b) Se quando **N** joga 2 *o*, **E** joga 10 *p*, o jogo corre da mesma forma, só fazendo **E** e **O** uma vasa.

(A) Se quando **S** joga 8 *c*, **E** joga R *c* e qualquer carta que jogue não faz mais nenhuma vasa.

Encontrar a palavra

(Solução)

Republica.

O avozinho

(Problema)

O velho professor tem grande orgulho em ser avô: as suas três netas, Inez, Beatriz e Leonor proporcionam-lhes grandes alegrias.

— Que idade têm as suas netinhas? — pregnnta-lhes um dia, um seu amigo e colega.

— As três, contam ao todo, entre elas, vinte primaveras! — responde o feliz avô.

— Ainda são muito novinhas!

— Se eu multiplicar entre si, as suas respectivas idades obterei um número de anos superior de 100 ao produto das suas três idades do ano passado.

— E há gémeas? — pregunta o colega, sempre curioso.

— Não, meu caro, não há.

Preguntamos nós agora: que idade têm as três irmãs?

Velocidade... relativa

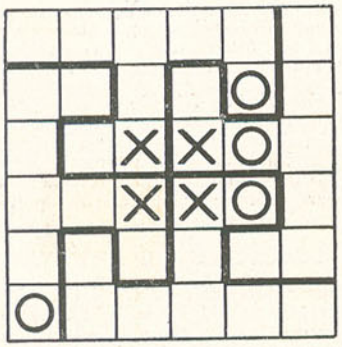
Foi encontrada num arquivo de Parma, uma carta escrita pelo célebre poeta italiano Alfieri, quando tinha vinte anos, relatando a sua primeira viagem em «mala posta».

Descreve com entusiasmo o prazer que sentiu nessa viagem e diz: «Que delícia é vencer o espaço com tal velocidade! Excitado pela promessa de uma boa gorgeta, o postilhão lançára os cavalos como relâmpagos e proporcionou-me a verdadeira volúpia da vertigem».

Essa rapidez *vertiginosa* era de três léguas por hora!

Zeros e cruzes

(Solução)



Os traços mais carregados indicam por onde se deviam fazer os córtes.

Viajante incansável

Um antigo engenheiro de minas, inglês, Mr. Curle é o homem que, decerto, no mundo mais tem viajado. Regressou, há pouco, duma nova viagem pela Africa do Sul, tendo percorrido, desta vez, 9.600 quilómetros. Há sessenta anos, desde a adolescência que a paixão da deslocação o persegue e durante estes 12 lustros em que tem podido satisfazer o seu capricho dando a volta à Terra, não terá percorrido menos de 2.700 000 quilómetros.

As representações teatrais começavam antigamente às 7 horas da tarde e cita-se como uma derogação excepcional a êsse uso a récita da estreia da grande actriz Raquel, na *Comédie-Française*, no papel de Emília, em «Cima» de Corneille.

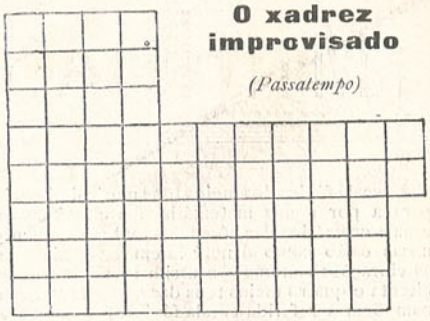
Nessa noite, o espectáculo só começou às 7 e meia, por haver na sala uma assistência selecta, o rei, a raínha, os soberanos da Bélgica, a princesa Adelaide e o duque de Nemours.

Está calculado que um homem fala, termo médio, três horas por dia, ou seja 100 palavras por minuto, o que dá 19 páginas in-8.º por hora, ou 52 volumes por ano.

Enquanto ao que uma mulher fala, isso é impossível de calcular!

O xadrez improvisado

(Passatempo)



Dois estudantes da Universidade de Coimbra, grandes estroinas que o que menos faziam era estudar, eram ambos jogadores eméritos de xadrez. Um dia, porém, vendo-se sem dinheiro para ocorrerem às despezas duma «ceáta», em Santa Clara, resolveram-se a pôr no prego o taboleiro do jôgo. Não ficaram, todavia, privados da sua distracção favorita porque um dêles, tendo obtido um pedaço de oleado velho com o formato igual ao da gravura junta, conseguiu dividi-lo em duas partes e juntando-as, formar um quadrado exactamente como aqueles usados no jogo do xadrez.

De que maneira cortou o nosso estudante, o pedaço de oleado?

Um curioso "record"

Os locutores das estações radiofónicas americanas tiveram, aqui há anos, a ideia de fazerem uma estatística para saber qual dêles, entre todos, no decurso da sua carreira, havia pronunciado maior número de palavras, diante do microfone. Não era coisa muito fácil de realizar, mas enfim, com o auxílio de programas e outros documentos, um dos concorrente conseguiu provar que, até áquele dia, tinha pronunciado quatro milhões seiscentas e trinta mil palavras.

A maior pedra tumular do mundo é a de Henry Scarlett, no condado de Upson, verdadeira montanha em miniatura, de 30 metros por 75 de base.

O camêlo acumula gordura na sua corcôva, como reserva alimentícia. Se um camêlo estiver cansado ou mal alimentado, a corcôva torna-se muito mais baixa.

Na cidade do Natal, ao sul da África, os ananazes são em tanta abundância que, em certas estações, até os dão aos porcos.

Ele: — *Tens a certeza absoluta de que realmente me amas, querida?*
Ela: — *Tenho absoluta certeza, meu amor. Tive-a logo, a primeira vez que vi o teu carro.* — («The Humorist»).

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**

Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — **LISBOA**

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **DR. LUÍS DE PINA**

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30$00**; pelo correio à cobrança, **33$00**

■

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, **especialmente destinada a senhoras e meninas,** veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor, após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance de uma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. brochado . . . **Esc. 4$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Á VENDA

DESPORTOS EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch..... **8$00**
Pelo correio à cobrança..... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz – 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 pág , com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 pág., com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras.. ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 300 págs., com 119 gravuras..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Construçao Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16 × 22..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqùenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 2.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA